

Mulheres Executivas

Marcos Antônio da Cunha Fernandes

Dedico este livro aos filhos, netos, parentes, ex-mulheres e amigos. Agradeço a Margaret Rose, em memória, o fato de ter transformado um ateu em um ser humano que hoje tem uma compreensão mais abrangente da realidade que o cerca. Registro minha gratidão às parentes e amigas que me ajudaram a expressar o pensamento feminino acerca de muitos assuntos, sem a pretensão de dizer que os seus pensamentos representam o modo de pensar da maioria das mulheres.

Publiquei este livro apenas na página que mantenho na internet:
<https://www.marcosfernandes.org>.

Índice

Prefácio	4
1 - Diálogo Entre Amigas	5
2 - Uma Aventura Sexual	14
3 - O Diálogo Com Tânia	19
4 - Pedro Procura Helena	23
5 - Novo Diálogo Entre Amigas	26
6 - A Aparição de Helena	30
7 - Helena Conhece Antônia	33
8 - Novos Objetivos	37
9 - O Presente de Helena	41
10 - O Aniversário de Lúcia	45
11 - Pedro Encontra Helena	48
12 - As Amigas se Reúnem	53
13 - O Pedido de Antônia	59
13 - Desprendimento de Antônia	63
15 - Relacionamento com Pedro	66
16 - A Realização de um Pedido	71
17 - Conversa de Aniversário	74
18 - Epílogo	83

Prefácio

Este livro trata da trajetória de uma mulher cuja vida é dedicada à procura do sucesso profissional. Para ela a vida profissional está acima de qualquer coisa, ela coloca sua vida sentimental em segundo plano. Quando ela alcança seu objetivo de subir na escala hierárquica da empresa em que trabalha, conhece teorias que tratam do comportamento do ser humano. Isso provoca mudanças em sua maneira de pensar e de agir. Em sua caminhada ela conhece uma mulher e uma criança que mudam sua vida. Seu círculo de amizade é constituído por mulheres com objetivos e problemas semelhantes aos seus.

A maioria dos diálogos mantidos nesta história expressa os pensamentos de mulheres que têm algum grau de parentesco comigo, são amigas ou fazem parte do círculo de amizade de um parente. Formulei as questões como se elas participassem de uma reunião social, as respostas representam suas maneiras de pensar. A todas estas mulheres, cuja ajuda tornou possível expressar os sentimentos da alma feminina a respeito de muitos assuntos, minha eterna gratidão pela ajuda recebida, sem a qual não me seria possível retratar alguns diálogos acerca do universo feminino. Deixo de citar nomes por receio de cometer alguma injustiça com mulheres que enriqueceram esta história em diálogos informais. A todas estas mulheres quero apenas dizer para vocês: **muito obrigado**, vocês enriqueceram a minha alma.

Nos diálogos escritos por mim é provável que eu não consiga expressar com fidelidade o pensamento feminino acerca de muitos aspectos da vida. Eu tenho consciência de que é uma ousadia de minha parte escrever sobre o universo feminino, mas ele exerce um grande fascínio sobre mim, e não resisti à tentação de falar acerca dele; perdoem a minha ousadia.

Marcos Antônio da Cunha Fernandes

João Pessoa, janeiro de 2006 (revisto em setembro de 2022).

1 – Diálogo Entre Amigas

Após uma semana exaustiva de trabalho, Helena chega sozinha a seu apartamento na sexta-feira à noite, depois de um jantar comemorativo do aniversário de fundação de um grupo econômico que é um dos grandes clientes da empresa que ela preside. Liga o som, escolhe alguns discos e os coloca para tocar, senta-se em sua poltrona favorita e deixa a música penetrar sua alma. Depois de escutar duas músicas, levanta-se lentamente, vai até o bar e abre uma garrafa de seu vinho preferido. Antes de beber, levanta a taça e faz um brinde à vida. Em seguida, toma um gole, saboreia o vinho de maneira peculiar. Deita-se em um sofá da sala de estar de seu amplo e luxuoso apartamento de cobertura, à beira-mar. O vinho capitoso a descer pela garganta provoca uma sensação de euforia, de poder qualquer coisa, de sentir-se a dona do mundo. Pouco a pouco a música agita sua alma e toma conta de seu corpo. Ela se levanta e começa a dançar, se contorce em trejeitos lascivos, no ritmo da música, a exhibir-se para uma plateia inexistente, comportamento que não adotaria caso estivesse diante de outras pessoas. O suor a descer pelo corpo, molha sua roupa e cola sua blusa na pele. Helena tem a sensação de estar completamente livre, de bailar nas nuvens. Quando o primeiro disco para de tocar, e enquanto o aparelho de som o troca por outro, ela se senta exausta no sofá, a cabeça entontecida pelos vapores alcoólicos, o corpo extenuado pelo esforço realizado e pelo cansaço provocado pela semana de trabalho. Com a finalidade de descansar um pouco, ela se deita ali mesmo e, sem perceber, adormece.

O sol já está alto quando Helena acorda no dia seguinte, a cabeça a doer, a garganta seca, um gosto amargo na boca, a sensação de mal-estar provocada pela bebedeira da noite anterior. Levanta-se lentamente, desliga o som, dirige-se à cozinha. Lembra-se de ter dado folga para Rosália, a pessoa encarregada de suas refeições e da limpeza do apartamento. Toma água e um remédio para aliviar a ressaca. Vai para o banheiro de sua suíte, abre a torneira para encher a banhei-

ra de água quente, coloca dois produtos na água, dissolvendo-os cuidadosamente. Tira a roupa e deita-se na banheira, sente a água cobrir seu corpo. O remédio e o banho fazem efeito. Depois de trinta minutos ela se sente bem melhor, sai da banheira, enxuga-se de maneira preguiçosa, esfrega a toalha na pele, ativa a circulação do sangue. Veste uma bermuda e uma blusa, vai até a cozinha e come pedaços de algumas frutas e uma fatia de pão. Depois vai para o escritório de seu apartamento. Ela acomoda-se no bureau e passa a analisar relatórios sobre o desempenho semanal da empresa, como faz habitualmente nos dias de sábado. Ela tem trinta e cinco anos de idade, é uma executiva de sucesso: alcançou o posto mais alto na empresa em que trabalha, é proprietária do apartamento em que mora, possui outros imóveis e valores significativos em ações e outras aplicações em papéis do mercado financeiro.

Helena para a leitura dos relatórios e passa a analisar sua vida sentimental. Seu rosto demonstra uma ligeira preocupação, quase imperceptível. Ela pensa acerca de seu relacionamento com o sexo oposto. Os homens parecem ter medo dela, eles não conseguem manter com ela uma relação por muito tempo, embora esse fato não seja motivo de maior preocupação para ela, como afirma aos amigos. Quando Helena indaga aos ex-namorados, no final de um relacionamento, sobre a causa da separação, recebe respostas evasivas, pouco esclarecedoras. Esse fato provocou seu afastamento de um contato mais íntimo com o sexo oposto nos últimos meses, sem isso lhe causar nenhum problema. Casar-se ou viver com um homem não estão, por enquanto, nos planos dela para sua vida. Ela deseja apenas ter um companheiro fixo para as poucas horas dedicadas ao lazer, pois não gosta de procurar um novo parceiro quando deseja e tem tempo para o que ela chama de amar. Na realidade, seu relacionamento com os homens pode ser resumido, de maneira clara e objetiva, em uma palavra: sexo.

Nos últimos dias, após participar de um curso de filosofia, ministrado aos executivos do grupo econômico controlador da empresa presidida por ela, tem meditado sobre a vida, sem encontrar respostas coerentes com sua maneira de pensar. Perguntas inquietantes tinham sido feitas durante o curso, tais como: Qual é a razão do existir? Qual é

o objetivo do ser humano nesta vida? Está mergulhada nesses pensamentos quando se lembra de uma conhecida chamada Tânia, contemporânea de universidade, familiarizada com o que ela costuma chamar de “tais assuntos”. Recordar-se que nunca manteve uma conversa com Tânia a esse respeito, pois seu único interesse na época era o sucesso profissional. Estranha ironia aquela: ao subir na escala hierárquica da empresa que preside atualmente, foi enviada para participar de cursos classificados por ela como “filosóficos”. Tais assuntos nunca atraíram a sua atenção, por abordarem aspectos relacionados à razão da existência do ser humano.

O telefone toca, tira Helena das reflexões em que mergulhou. É sua amiga Roseane que a convida para jantar com o grupo de amigas do tempo de universidade. O convite é aceito por Helena devido à insistência da amiga e pela necessidade de trocar ideias com alguém a respeito de algumas questões. O grupo é formado por mulheres fortes e independentes, realizadas profissionalmente. Elas já se reúnem esporadicamente há bastante tempo, em restaurantes ou na residência de uma delas. Adriana e Vilma são assessoras do presidente das empresas em que trabalham. Hilda é gerente de departamento de uma empresa com atuação nas principais cidades brasileiras. Arlete é formada em administração e trabalha na área de comunicação. Lúcia é engenheira civil, funcionária pública e atua na fiscalização de obras. Marlene, Roberta e Roseane são diretoras de empresas multinacionais. Sandra é professora universitária. No grupo não há representante do sexo masculino. Nalgumas ocasiões o grupo conta com a participação de algumas amigas de uma delas.

Na hora combinada, a maioria das amigas se encontra em um restaurante sossegado no centro da cidade, elas fogem da orla marítima que é muito agitada nas noites de sábado. Arlete, Lúcia e Sandra não compareceram ao encontro. As amigas saboreiam um bom vinho, acompanhado de uma tábua de queijos. Helena fala sobre o último curso de que participou, e aproveita a oportunidade para fazer uma pergunta às amigas:

— Vocês acham que existe a necessidade de termos um relacionamento com um homem para nos sentirmos realizadas como mulheres?

— Não acredito ser muito qualificada para este tipo de assunto. Afinal, também nunca tive sucesso em relacionamentos, e para ser honesta, resumiram-se a apenas um, que terminou em divórcio. Viu o currículo? Sinto-me mais à vontade para falar sobre as atividades profissionais, coloca Adriana.

— Não julgo que seja indispensável, mas é prazeroso, diz Vilma. Na relação entre um homem e uma mulher, na minha visão, a mulher deveria ser uma mulher em sua essência, e não uma profissional querendo que o homem seja como a sua empresa.

— Ao assumirem cargos de direção, coloca Helena, como as mulheres são tratadas nas empresas? Como elas reagem ao tipo de tratamento recebido?

— É verdade que nossa sociedade, o mundo ocidental onde vive a maior parte das mulheres executivas, é patriarcal e machista, e nele a mulher ainda se vê obrigada a provar, o tempo todo, que merece um tratamento igualitário no mundo do trabalho. Por outro lado, é verdade também que muitas mulheres, para sobreviver e vencer nesse cenário, acabaram por assumir posturas e comportamentos extremamente masculinos. E não estou falando da caricatura da homossexual feminina, que coça um membro inexistente, fala grosso, veste camisa xadrez e sapato baixo de bico quadrado. Estou falando daquilo que os psicanalistas por aí chamam de complexo de Lilith. Uma mulher competitiva ao extremo, que quer provar sua superioridade sobre o sexo oposto a qualquer preço, dominando-o, humilhando-o ou mesmo seduzindo-o. Acho que pinteí com tintas fortes alguns traços do nosso retrato. Confesso que é uma autocrítica, mas se aplica a cada uma das que estão sentadas nesta mesa. Somos mulheres fortes e dominadoras, e temos plena consciência disso, diz Marlene.

— Por que, quer saber Helena, os homens têm tanto medo de mulheres como nós?

— Ainda não descobri, responde Roberta, porque os homens têm tanto medo das mulheres como nós. Tenho apenas algumas pis-

tas: na nossa sociedade ainda patriarcal e machista, grande parte dos coitados dos meninos cresce com a noção de que devem ser os grandes provedores e os senhores da moral das pobres e indefesas mulheres. E isto começa muito cedo: “homem não chora”, “homem não brinca de boneca”, “você tem que proteger sua irmã e sua priminha”, e por aí vai. O desgraçado do menino cresce com a certeza de que mulheres são seres desprovidos de vontade e inteligência, e que, portanto, necessitam de um varão que as sustente para o resto da vida — ai, ai, ai! — e que as guie pelas tortuosas vias da vida real; que decida por elas. Afinal, elas são seres relativamente incapazes. Esse menino, quando homem feito, tende a escolher uma criatura dócil ou aparentemente frágil e delicada, e existem mulheres extremamente dissimuladas, criadas pelo mesmo tipo de família ou sociedade que inculca nos seus varões estas noções; uma mulher que seja incapaz de opor qualquer resistência aos desejos — ordens! — de seu senhor e provedor. Se a criatura escolhida for inteligente e ladina e, como já disse, uma dissimulada, melhor para os dois envolvidos nesta farsa: ele estará certo de que é o líder incontestado da parrelha, mas, ao fim e ao cabo, ela manobra para que as decisões sobre a vida da família sejam as dela. Quem não conhece situações assim? Esse homem, minhas caras, jamais aceitará uma companheira no sentido amplo da palavra: onde ficaria o seu papel incontestado de provedor de bens e bastião da moral da família? Não teria ele que admitir que todo o lastro cultural de sua criação estaria errado?

— Uma observação apenas, interrompe Hilda, que até aquele momento escutava suas amigas. O fracasso na vida amorosa não é um fato ligado à vida profissional da mulher de hoje. O fracasso neste aspecto sempre existiu, mas não era exposto, declarado. A mulher atual, por ter sua independência financeira, não tem que fingir que está tudo bem e nem ficar com um parceiro que não quer e não a satisfaz, seja em que aspecto for. Nós éramos escolhidas; agora nós fazemos a escolha.

— Roseane até agora ficou calada. Vamos dar a ela a oportunidade de dizer alguma coisa sobre os seus relacionamentos, solicita Helena.

— Meu dia é tão corrido, fala Roseane, tenho tanta coisa para fazer, penso em tanta coisa, que tenho pouquíssima paciência para tudo que não seja claro, direto, objetivo e inteligente. Jogos de sedução amadores não me cativam; tenho pouca paciência. Se for direto demais também dança rapidinho. Depois de um tempo e alguns relacionamentos que não deram certo, a gente se acomoda. Fazer sexo hoje em dia é muito fácil, disponível. Dá menos dor de cabeça ter relacionamentos ocasionais, a famosa amizade colorida. Eu detesto que alguém me cobre algo, dê uma de vítima, faça chantagem emocional ou queira me dizer o que devo ou não fazer, para onde devo ir ou não devo ir, com quem devo ou não sair. Com a vida que levo, isso acaba acontecendo sempre. Todos os namorados, rolos que tive, apresentaram sempre problema por eu ser nova demais e ter mais dinheiro e mais prestígio que eles, por ter uma posição profissional definida e uma carreira deslanchada. Isso tirando fora os interesseiros, os que têm complexo de inferioridade, e por aí vai. Alguns deles me disseram que não quiseram ficar comigo porque acharam que eu teria vergonha de apresentá-los na minha roda de amigos, mas nunca conversaram sobre isso na época que mantínhamos um relacionamento. A sensação que fica, de que falta alguma coisa, é preenchida pelo turbilhão de cobranças no trabalho, prêmios, festas, viagens, cursos, hobbies, dentre outros. Vida social constante e uma boa dose de viagens a trabalho nos fazem, ao chegar em casa, não desejar nada mais que uma boa banheira, um livro ou filme, e dormir. Ou seja, acabamos diminuindo a nossa possibilidade de encontrar alguém. Os amigos acabam preenchendo uma boa parte do vazio.

— O que escuto de todos os meus amigos homens, coloca Adriana, é que eles realmente não se sentem “necessários” para mulheres como nós. Eles nos acham muito resolvidas mesmo, em muitas coisas, inclusive no que se refere a dependências quaisquer, devido ao fato de termos aprendido a tomar decisões, resolver situações e buscar respostas. Eles acham difícil pensar na possibilidade de ter que discutir, no bom sentido, isto é, ponderar com argumentos, em assuntos que nós resolvemos sem depender deles. Se não for um parceiro mesmo, no sentido mais amplo e fiel do termo, certamente não me sin-

to estimulada a alimentar uma relação. Por outro lado, o homem espera fragilidade, maternidade e submissão em certo grau, para poder se sentir pleno em seu papel de provedor e senhor da palavra final, ao mesmo tempo em que espera ter na companheira um amparo emocional, o que é uma incoerência. Complicado! Fácil seria se a história da parceria existisse mesmo em todos os níveis. Aí ambos compreenderiam seus papéis a cada instante e se portariam de forma a amparar, apoiar e compartilhar, conforme a situação.

— Permitam-me acrescentar algo à minha colocação inicial, fala Roberta. Há um outro tipo de homem que tem medo e fascínio por mulheres fortes e inteligentes: os que tiveram ou têm mães que se enquadram nessa categoria. E que têm com elas, as mães, uma relação edipiana forte e quase nunca reconhecida. O tipo até procura e escolhe mulheres assim, mas a tendência do relacionamento é de a mulher assumir o papel de mãe do indigitado, com vantagens para o sujeito, que não tem coragem de admitir que gostaria de ser o marido da mãe dele. Minhas caras amigas, sobre este tipo de relacionamento eu posso dar aulas; sou Ph.D. no assunto. Nem adianta dizer que o homem é um fraco, porque não seria verdadeiro. Companheira, para ele, é a mulher que faria por ele tudo o que ele acha que a mãe fez, faz ou fará. Esse homem até respeita a inteligência, a coragem de tomar decisões de sua mulher, desde que ele não tenha que se envolver nos resultados das decisões. “O problema é seu”, dizem eles, “a decisão é sua; aguarde as consequências sozinha”. É, em suma, um egoísta e ego-cêntrico. Há os tipos mistos, e são os piores de se lidar. Alternam períodos de tentativas de dominação com outros de aceitação da mulher. Se os dois envolvidos tiverem muita sorte, será possível trabalhar a relação, mesmo quando descamba para a mais pura e deslavada competição intelectual e de poder. Se o gajo tem ou teve uma mãe dominadora, pode partir para a disputa de poder, para mostrar à mãe dele quão forte o filhote pode ser. Se tem ou teve uma mãe dócil, frágil e delicada (céus, que tolice; mulheres assim são seres de ficção!), vai querer impor o padrão aparente de patriarcado que herdou. A instabilidade de comportamento pode levar homem e mulher à loucura.

— Seja qual for o grau de lilitização da mulher, alguém que chega a comandar uma grande equipe no trabalho sempre acaba se tornando um pouco mais exigente nas outras faces da sua vida. Por vezes, exigindo demais, cobrando demais do outro. E homens, em geral, detestam cobranças, complementa Marlene.

— A competitividade do mundo global acaba fazendo com que a gente tenha que desempenhar um papel que não tem nada a ver conosco e acabe afastando as pessoas. Há poucos dias, numa festa na minha casa, uma amiga minha me perguntou: “Roseane o que você fez ontem à noite?” E eu respondi: “Passei a noite chorando”. Ela olhou assustada para mim e disse: “Roseane! Nunca passou na minha cabeça que você pudesse chorar”. Tenho uma enorme dificuldade de demonstrar o que sinto, grande parte das vezes o que eu digo é totalmente diferente do que sinto. Uma desconexão total. Essa parte eu já estou mudando aos poucos. Fica pior porque no trabalho aprendo todos os dias a como não demonstrar emoções, pensamentos, reações. Teatro puro. Ainda acabo sempre querendo olhar muito pouco para quem eu sou, por que acabo dando sinais para que os homens se comportem assim comigo e por que prefiro colocar neles a responsabilidade pelo fato de não ter ninguém fixo.

— Até agora, Helena não falou nada dela. Esconde-se atrás das perguntas formuladas para nós, aponta Vilma, faz as outras perceberem o comportamento da amiga. Todas elas solicitam de Helena falar de suas vivências, sobre seus relacionamentos com os homens.

— Eu não me escondi, diz Helena, apenas procuro entender melhor esta questão através das colocações de vocês. Nunca tive sucesso no relacionamento com os homens. Aliás, confesso: até agora nunca tive interesse em manter qualquer tipo de contato mais íntimo com os homens. Todas vocês sabem disso. A carreira profissional é o foco da minha atenção; nela concentro minha energia. Nos últimos anos, alguns cursos ministrados para as empresas do nosso grupo têm mexido com a minha cabeça, modificado a minha maneira de ver o mundo, de me relacionar com as pessoas.

— Não me diga que você está desejando ter um relacionamento mais definitivo com alguém, quer saber Roberta.

— Estou tateando em um campo pouco explorado por mim e pela maioria das mulheres sentadas nesta mesa: o campo dos sentimentos por alguém do sexo oposto, volta a falar Helena. Eu sempre coloquei todas as minhas forças e atenção na vida profissional. Analisar o relacionamento entre uma mulher e um homem é algo inteiramente novo para mim. Não tinha atraído minha atenção, embora já tenha mantido alguns relacionamentos. Não estou me omitindo; apenas tento entender a questão ouvindo vocês. São pessoas mais experientes do que eu no relacionamento com os homens. Além disso, como já falei para vocês, os últimos cursos de treinamento frequentados por mim trataram das ideias dos grandes pensadores da humanidade e abordaram problemas profundos da existência. Confesso estar um pouco medida. Eu tento arrumar as ideias sobre este e outros assuntos, mas não é fácil mudar o modo de pensar. Vocês sabem muito bem disso, vocês têm experiência na implementação de novos sistemas de trabalho nas empresas em que atuam, sabem como a maioria das pessoas é resistente a novas ideias, e eu não sou diferente.

— Em minha opinião, se o que você deseja é abordar os problemas da alma, nós não somos as pessoas mais indicadas para falar sobre este assunto, informa Hilda. Você deveria procurar alguém que tenha conhecimento e experiência nesta área.

— No nosso tempo de universidade, não sei se vocês se lembram, conhecemos uma jovem chamada Tânia. Ela tinha grande conhecimento nestes assuntos, lembra Adriana. Seria a pessoa ideal para você pedir ajuda ou orientação nesta área.

— Eu me lembro dela. Eu a conheci, mas não cheguei a conversar com ela, a estabelecer uma relação de amizade. Alguma de vocês sabe, indaga Helena, como eu poderia entrar em contato com ela?

— Tenho uma colega de trabalho que faz parte do círculo de amizade dela, diz Marlene. Pedirei o telefone dela e passarei para você.

Após este diálogo, as amigas jantam e ainda se demoram trocando ideias sobre sua semana de trabalho, o assunto predominante nas conversas mantidas entre elas quando se encontram.

2 – Uma Aventura Sexual

O automóvel, conduzido pelas mãos delicadas e firmes de Helena, desliza suavemente pelas praias ensolaradas naquela manhã de domingo, lotadas de pessoas de todas as idades, que ela não aprecia por estar atenta ao trânsito intenso. O ar-condicionado do carro está ligado, a temperatura é agradável, mas ela sente o seu corpo incendiado pelo desejo de se entregar em um bailado de amor. Helena sente falta de alguém para desfrutar com ela as belezas daquele dia de sol, sentimento este não vivenciado até hoje com tal intensidade. Indaga a si mesma que mudanças ocorrem com ela, para sentir o desejo de estar com alguém do sexo oposto, com a intensidade agora experimentada. Ela canta, tenta fugir das emoções e não pensar sobre a falta que agora sente de ter alguém do sexo masculino a seu lado. Ela percebe seus medos, sua insegurança, sua incapacidade de falar de seus sentimentos mais profundos com alguém, como tinha acontecido na noite anterior com suas amigas. Isso aumenta a incerteza quanto a sua real condição de manter um relacionamento mais firme com alguém. Ela aprendeu, nos cursos ministrados para executivos do grupo que trabalha, que a base da relação entre as pessoas é a confiança. No entanto, não consegue abrir seu coração nem com as amigas, confessar quais são seus reais sentimentos. Acostumada a desempenhar o papel de uma executiva racional, a não demonstrar seus sentimentos em uma mesa de reunião ou em uma negociação, ela indaga a si mesma: como ter um relacionamento sólido com um homem se não é capaz de falar com sinceridade sobre seus sentimentos? Nos poucos relacionamentos mantidos com os homens, os diálogos trataram de tarefas profissionais, um filme, uma música, uma peça teatral e outras atividades que, embora importantes, estão longe de ser a parte essencial da vida de um casal. As coisas mais importantes da vida de um homem e de uma mulher são os sentimentos de um pelo outro; em outras palavras: o amor. Até agora ela tem sentido pelos homens apenas atração física, puramente sexual, rompendo o relacionamento quando a atração di-

minui de intensidade ou se acaba. A conversa com as amigas, na noite anterior, trouxera muitos esclarecimentos sobre o relacionamento com os homens. O problema não é somente seu, mas essa constatação não resolve a questão. Ela percebe a existência de uma barreira a ser vencida, embora não seja capaz de identificar o que a mantém isolada de um relacionamento autêntico com as pessoas, sejam homens ou mulheres.

O automóvel continua a deslizar suavemente pela orla marítima quando Helena sente fome. Ela olha o relógio e verifica que é hora do almoço. Examina o trecho da estrada que percorre, está perto de um restaurante especializado em frutos do mar, local em que gosta de almoçar quando está nesta região. Em poucos minutos ela estaciona no restaurante; vai direto até o banheiro, retoca a maquiagem. Dirige-se à parte externa do restaurante, escolhe uma mesa com vista para o mar, pede um suco e uma entrada de frutos do mar, especialidade do estabelecimento. Saboreia a entrada quando percebe que é observada timidamente por um homem na casa dos quarenta anos de idade, sentado em uma mesa próxima, bebendo uma cerveja. Ela lembra que já o viu na companhia de uma das suas amigas, sem que eles percebessem a presença dela; olha nos olhos dele, sorri e continua a tomar o suco e a saborear os frutos do mar; pergunta a si mesma se gostaria de ir para a cama com aquele homem. Olha para ele fixamente, examina-o demoradamente, sem sentir nenhum constrangimento e sem a menor cerimônia. Ao chegar à conclusão de que gostaria de sair com ele, ergue o copo em sua direção, como a lhe oferecer o suco, bebe suavemente um gole, sorri e coloca o copo na mesa. Ao perceber o gesto, um convite para um relacionamento com ela, o homem fica sem saber o que fazer. Ele deseja vencer a timidez, sentar-se com aquela mulher, almoçar com ela, desfrutar o restante do dia em sua companhia, ao mesmo tempo em que se sente imobilizado com a atitude dela. O gesto de Helena lhe traz medo, pois em sua cabeça a iniciativa deveria partir dele. Ao perceber a timidez dele, ela chama o garçom e solicita o favor de perguntar àquele homem se ele gostaria de almoçar com ela. Colocado naquela situação, o homem se levanta e senta-se à mesa de Helena. Ela toma a iniciativa da conversa:

— Meu nome é Helena. Desculpe o meu jeito direto de agir. Nos dias de domingo não gosto de almoçar sozinha. Como você também está sozinho, eu pedi ao garçom para convidá-lo a me fazer companhia. Qual é o seu nome?

— Pedro.

— Você mora por aqui ou está apreciando a beleza destas praias em um domingo de sol?

— Nos dias de domingo, quando estou disposto, gosto de passear pela orla marítima. Acho esta região muito bonita.

— Você é casado?

— Estou separado já faz três anos. E você?

— Nunca tive tempo para um relacionamento mais sério. O trabalho me ocupa em regime de tempo integral. São raros os domingos nos quais posso me dar o prazer de me dedicar ao lazer, como no dia de hoje. Tenho sempre relatórios para ler, trabalhos para fazer, viagens, almoços de negócios e outras atividades a me ocuparem o tempo, inclusive nos domingos e feriados.

— Em qual empresa você trabalha, pergunta Pedro.

— Vamos fazer um trato: é proibido falar de trabalho em um dia bonito como este. O que você gosta de fazer no final de semana?

— Gosto de sair de carro pelas praias, apreciando a paisagem, almoçar uma peixada, tomar uma cerveja; coisas simples da vida. Quando estou na cidade gosto de ir ao cinema ou ao teatro, conversar com os amigos; adoro uma boa leitura.

— Gostaria de lhe fazer uma proposta: almoçamos agora e vamos até uma pousada aqui perto, no alto daquele morro ali, de onde podemos ter uma vista maravilhosa de boa parte da orla marítima, e onde poderemos descansar um pouco e termos uma conversa mais íntima antes de retornarmos para a cidade.

Pedro apenas sorri acanhado, tomado de surpresa pelas palavras de Helena, sem saber o que dizer. Isso é entendido por Helena como um sim. Ela faz um sinal para o garçom, solicita o cardápio e decide com Pedro os pratos a serem pedidos. Solicita ao garçom dar prioridade ao pedido, pois gostaria de almoçar logo. Ela não percebe o fa-

to de estar atropelando Pedro. Ele gosta de sair duas ou três vezes com uma mulher antes de levá-la para a cama.

Ali se defrontam duas pessoas com maneiras de ser e de agir opostas. Elas têm muito a aprender uma com a outra, embora tal aprendizado muitas vezes seja doloroso, principalmente para a parte mais sensível. Os dois continuam a conversar sobre teatro, música, cinema. A pouco e pouco Pedro vai se sentindo mais à vontade, vai aceitando o modo de agir de Helena. O almoço é servido. Após a refeição eles se dirigem à pousada indicada por Helena, alugam um apartamento com vista para o mar. Ao ficarem a sós, sem a menor cerimônia ela o abraça e beija, arrasta-o para a cama. O sol está se pondo quando eles se despedem, sem trocar telefones, sem nada saberem sobre o outro. Apenas uma aventura de uma tarde de domingo.

Helena está no terraço de seu apartamento, naquela noite de domingo, recorda sua aventura sexual daquela tarde. Aquele havia sido um encontro igual aos que já tivera, nos quais ela vai para a cama com um homem para satisfazer uma necessidade física, mas alguma coisa no comportamento de Pedro tinha mexido com ela. Ele não é o tipo de homem idealizado por ela para ser seu companheiro nas horas dedicadas a “refrescar a cabeça”, como costuma dizer, razão pela qual não chegou a pedir seu telefone nem deu o seu, pois o achou sem iniciativa, tímido, apagado. Mas existe nele uma força interior, algo que marca sutilmente sua presença na cabeça e no coração das pessoas ao manterem contato com ele. Ela volta a dizer a si mesma que não gostaria de ter novamente uma relação sexual com ele. Por que razão estou a pensar nele, indaga a si mesma, sem encontrar resposta.

Nesse momento Pedro escuta música clássica, recorda os acontecimentos daquela tarde, a ousadia de Helena. Ela conduziu o relacionamento da maneira como achou mais conveniente para ela. E ele não foi capaz de dizer como desejava se relacionar com ela; aceitou passivamente as manobras dela. A tarde foi prazerosa, não podia negar. Ela tinha quebrado muitos dos hábitos cristalizados por ele durante relacionamentos anteriores. O fato de ter um relacionamento fora dos padrões habituais o deixou em uma situação de desconforto, mas não podia negar ter sido muito prazeroso. Aquela mulher é forte e decidida,

nada sabe sobre ela; apenas o nome e que dirigia um carro de valor elevado, cuja placa esquecera de anotar. Tinha uma educação refinada, dava a impressão de estar acostumada a mandar. Ela sabia ser simpática no trato com as pessoas, mantinha uma conversa inteligente e agradável sobre vários assuntos.

3 – O Diálogo com Tânia

O início de semana está carregado de trabalho para Helena, muitas atividades não programadas exigem sua atenção. Ela gosta de tomar conhecimento de tudo o que acontece na empresa, sem ser centralizadora das decisões pertinentes aos diretores. Na parte da tarde ela recebe um telefonema de Marlene, que lhe informa o número do celular de Tânia. Anota-o em sua agenda eletrônica, despede-se da amiga e retorna a suas atividades.

Logo após o jantar, no aconchego de seu apartamento, Helena liga para Tânia, se identifica e explica a razão da ligação; consegue marcar um encontro na quinta-feira, às vinte horas, em seu apartamento, onde poderiam conversar mais à vontade, sem interferências. Após o telefonema, Helena vai para o escritório de seu apartamento para trabalhar. Analisa um relatório quando se lembra de Pedro, suspende a leitura e se indaga a razão para se recordar dele. Não, decididamente não, diz para si mesma, ele não é a pessoa idealizada por ela para viver a seu lado, qual a razão para se lembrar dele? Ela já tivera vários encontros como o de ontem, sem que eles suscitasse lembranças no dia seguinte. São apenas aventuras em que atende suas necessidades sexuais, quando suas atividades profissionais não ocupam todo o seu tempo e energia. Qual a razão para se lembrar dele? Após essas reflexões, sem encontrar uma resposta, ela retorna a seus afazeres profissionais, concentra sua atenção e suas energias no trabalho.

Na quinta-feira à noite, poucos minutos antes da hora marcada, o porteiro do prédio anuncia a chegada de Tânia. Helena a recebe, elas se acomodam na sala de estar. Diante daquela mulher simples e simpática, cujo olhar parece penetrar seus sentimentos e pensamentos mais íntimos, pela primeira vez Helena se sente pouco à vontade diante de um ser humano. Esse desconforto é contornado rapidamente pela maneira simples e simpática de Tânia. Após uma ligeira conversa sobre o tempo de estudantes, Helena vai direto ao assunto de seu interesse, de maneira clara, simples e direta:

— Durante muito tempo acreditei ser a vida humana restrita ao período vivido aqui na Terra. Há pouco tempo travei contato com filosofias de sábios da antiguidade. Tais sábios argumentam em favor da sobrevivência de “algo” após a morte do corpo físico. Você pode me esclarecer a este respeito?

— Conheço sua maneira de pensar e agir desde o tempo de estudante, embora não fizesse parte do seu círculo mais íntimo de amizade. Foi uma grande surpresa saber do seu interesse neste assunto. Tomo a liberdade de recomendar um outro caminho que julgo mais adequado: a leitura de alguns livros, nos quais você encontrará respostas diferentes sobre esta questão. São muitas as escolas, elas têm visões diferentes e apresentam caminhos diferentes para travarmos contato com nossa essência espiritual. Leia as várias filosofias e, se desejar aprofundar seus estudos, escolha a escola que melhor falar ao seu coração para prosseguir e, principalmente, para praticar as lições aprendidas. Além da leitura dos livros, sugiro dedicar alguma parcela do seu tempo à ajuda aos necessitados, em alguma obra de caridade.

— Não seria mais correto você fazer esta escolha, isto é, que me recomende uma escola, já que conhece o assunto?

— Não acredito ser possível a alguém fazer esta escolha por outra pessoa. É algo muito íntimo, que tem como base valores pessoais. Além disso, este é o primeiro aprendizado a ser feito por você: deixar de lado a razão e a lógica, começar a utilizar o coração e a intuição. Simplesmente olhe para os livros, examine os índices e leia algum trecho de um capítulo; aquele que achar mais interessante, comece a leitura por ele. Será uma escolha mais acertada do que a minha. Apenas recomendo ler os fundamentos de mais de uma escola antes de decidir por uma delas.

— Peço desculpas pela minha insistência. Acho você mais indicada do que eu para fazer tal escolha.

— Até o dia de hoje você só usou o cérebro para tomar decisões. Aprenda, a partir deste momento, a confiar também no seu coração, permita a ele também orientar as suas escolhas. Com o passar do tempo, coração e cérebro estarão presentes em todas as suas decisões, e então você terá começado a trilhar o caminho da sabedoria, a

meta final do nosso aprendizado. O tempo dedicado a um trabalho de auxílio aos necessitados ajudará você a utilizar a inteligência existente no coração, e como usar esta inteligência para orientar as decisões sobre a sua vida.

— Não consigo entender como o coração pode orientar uma decisão, pois se agirmos sem a segurança do raciocínio cometeremos muitos erros.

— É verdade, a razão não pode ser esquecida e não é isto o que lhe digo. A ciência mostra que existe inteligência no coração, por esta razão ele é o primeiro órgão criado na geração de um ser humano. Quando nossa decisão não é orientada pelo coração, cometemos muitos desatinos. Quando agimos sem a orientação da razão, enveredamos por caminhos equivocados. Uma ave, para voar, necessita das duas asas; os seres humanos necessitam da asa do conhecimento e da asa do amor para levantar voo rumo à sabedoria, explica Tânia.

— Mas durante toda a nossa vida aprendemos a exercitar a asa do conhecimento. Não nos ensinam a amar.

— Quando os pais acariciam e falam carinhosamente com o filho, ainda no ventre da mãe, estão ensinando as primeiras lições acerca do amor. Quando a criança nasce e suga o leite no seio materno, está recebendo, sem palavras, lições acerca do amor. A mãe não se incomoda por os seus seios ficarem flácidos com a amamentação, contanto que seu filho cresça com saúde; isto é amor. Antes de receber as lições do conhecimento, recebemos, ainda no ventre materno e nas primeiras horas de vida, as lições do amor.

— O problema da humanidade é a falta de amor?

— Não gosto de generalizações. Se você quiser generalizar, poderíamos dizer que o problema é a falta de equilíbrio entre o amor e o conhecimento, pois somente com as duas asas fortes e equilibradas uma ave consegue levantar voo. Uma pessoa com muito amor, mas sem conhecimento, pode cometer muitos erros. Uma pessoa com muito conhecimento, mas sem amor, pode cometer muitos desatinos. Quero deixar bem claro uma coisa: a sabedoria só existe quando o amor e o conhecimento estão equilibrados. Quando queremos evitar

que uma ave voe, cortamos apenas uma das suas asas. Ela perde o equilíbrio e não consegue voar, acrescenta Tânia.

— Eu não tenho tempo para dedicar à leitura desses assuntos e para participar de obras de caridade...

— Desculpe-me interromper, mas nós sempre encontramos tempo para as coisas que julgamos importantes. Quando estes assuntos forem realmente considerados importantes por você, então a sua escala de prioridades será modificada e o tempo necessário para o estudo e para ajudar os necessitados aparecerá. Mais uma vez peço perdão pela interrupção.

— Você acha que dei uma desculpa para não estudar este assunto e para não ajudar os necessitados?

— O que digo é: quando estes assuntos se tornarem suas prioridades, você encontrará o tempo necessário para estudá-los e ainda sobrá para ajudar os necessitados.

— Reconheço estar um pouco parada no estudo deste assunto e na ajuda aos nossos semelhantes, admite Helena.

— Na natureza nada está parado; tudo é movimento. A vida é movimento, é ação. Cada movimento, cada ação, é fruto de um ato consciente ou inconsciente dos que estão em aprendizado neste planeta. Até as pedras mostram a existência de uma consciência embrionária, a manifestar-se nos cristais. Quando agredidos, os cristais se reconstroem. São muitos os caminhos a nos conduzirem à nossa realização como seres humanos. Você está seguindo o seu caminho. Ele certamente a conduzirá a novas realizações.

Já passam das vinte e três horas quando Tânia se retira. Ao ficar sozinha, Helena medita sobre o diálogo mantido com ela. Olha para a lista de livros recebida e toma a decisão de comprar alguns deles, a fim de estudar aquele assunto. Sua curiosidade fora atiçada pela conversa encerrada há poucos instantes. Por que razão se mantivera afastada de Tânia no tempo de estudante? Poderia ter mantido conversas interessantes com ela, como a que teve nessa noite.

4 – Pedro Procura Helena

Durante toda a semana as lembranças do encontro com Helena povoam a cabeça de Pedro. Ele fica a rememorar cada instante daquela tarde de domingo. Lembra-se da vontade que sentiu de pedir o telefone dela, não o fez por timidez ou pelo receio de receber uma resposta negativa. Todas essas recordações desfilam no painel de sua memória, enquanto ele se deixa enlevar por elas. Aquela mulher o marcou profundamente, alguma coisa nela o atraía irresistivelmente. Assim como a mariposa fica fascinada pela chama da vela que a queimará, ele é atraído pela personalidade forte de Helena. Está fascinado pelo fato de ser ela capaz de realizar as coisas que ele sentia vontade de fazer, mas não tinha coragem, vencido pela timidez.

Pedro é engenheiro mecânico, trabalha em uma indústria de porte médio, na qual fez o estágio obrigatório no tempo de estudante universitário. É uma pessoa tímida, doce e suave, de conversa agradável, culto. É dedicado ao trabalho, tem um círculo de amizade restrito, devido a seu comportamento reservado.

O encontro com Helena ocupa seus pensamentos. Aquela tarde de amor o marcou profundamente. Ele não consegue tirá-la da cabeça. Lamenta agora sua timidez, que o impedira de pedir o telefone de Helena ou de propor outra maneira de voltarem a manter contato. Os encontros com o sexo feminino, no caso de um relacionamento amoroso, sempre foram muito difíceis para ele. Não sente dificuldade de se relacionar com as mulheres quando se trata de amizade ou trabalho. Mas quando se trata de um relacionamento afetivo, suas dificuldades são enormes. Pedro reconhece o fato de ter perdido inúmeras oportunidades de manter um relacionamento, por sua timidez. Em muitas ocasiões ele foi incapaz de tomar a iniciativa. Isso teria ocorrido também com Helena, caso ela não o tivesse convidado a almoçarem juntos. Apesar de reconhecer que o encontro não teria se realizado caso dependesse apenas dele, o fato de ela ter tomado a iniciativa o incomodou bastante, pois em sua cabeça machista aquele era o papel do

homem. Depois de refletir sobre sua maneira de ser, ele reconhece sua falta de coragem para abordar Helena.

A semana de Pedro foi repleta de trabalho, planeja uma modificação em uma máquina fabricada pela indústria em que desenvolve sua atividade profissional, com a finalidade de atender às necessidades de um grande cliente. Ele tem ocupado todo o seu tempo nesse projeto, inclusive as horas em que está em casa, ocasião aproveitada para consultar livros contendo algo relacionado com a modificação em desenvolvimento no modelo utilizado para teste. A tarefa de Pedro é aprontar a máquina para ser testado dentro de poucos dias, o que tem ocupado seu tempo.

No domingo pela manhã, ele acorda cedo, faz uma caminhada na praia e retorna a seu apartamento. Troca de roupa e vai para o mesmo restaurante em que conheceu Helena, na esperança de encontrá-la. Ao chegar a seu destino ele verifica, com tristeza, a ausência dela. Acomoda-se em uma mesa de modo a ver quem entra no restaurante, pede uma água de coco. Lê as manchetes do jornal, olha para os carros que entram no estacionamento do restaurante, na esperança de reencontrar Helena. As horas passam, ele almoça ali mesmo. À medida que a tarde se esvai, ele perde a esperança e lá pelas quinze horas retorna para casa, toma um banho e vai assistir uma partida de futebol transmitida pela televisão, a recordar a tarde do domingo passado, naquela pousada com Helena. Promete a si mesmo modificar seu comportamento, vencer sua timidez, ter uma nova atitude em seu relacionamento com as mulheres. Ele já fez essa mesma promessa a si inúmeras vezes, sem conseguir modificar-se.

Quando a partida de futebol termina, Pedro troca de roupa e sai de casa. Vai até a orla marítima dar uma caminhada pelo calçadão. Ele encontra seus amigos no local em que costuma caminhar, e o grupo resolve ir ao cinema assistir um filme que está sendo muito comentado por todos e bem avaliado pelos críticos de cinema. Após assistirem o filme, os amigos se reúnem em um bar, fazem um lanche e ficam a trocar ideias sobre o filme. Pedro mantém uma atitude reservada, como é seu costume. Escuta atentamente seus amigos. Quando indagado sobre a razão por que não aparecera no domingo anterior, ele dá uma

desculpa, sem fazer menção ao encontro mantido com Helena. Alega uma semana intensa de trabalho pela frente, se despede dos amigos.

5 – Novo Diálogo Entre Amigas

Helena acorda cedo naquele domingo. Lê o jornal e vai para o escritório de seu apartamento, onde analisa algumas mudanças a serem implantadas na empresa dirigida por ela. Está absorvida pelo trabalho quando o telefone toca. É Roseane a lhe lembrar o almoço na casa de Arlete, comemoração do aniversário dela. Helena informa já ter comprado o presente, concluirá a leitura de um relatório e encontrará as amigas no apartamento de Arlete, na hora combinada.

Poucos minutos após as treze horas, Helena chega ao local do almoço, entrega o presente à aniversariante, deseja-lhe muitas felicidades e muitos anos de vida. Dá um abraço nela e em cada uma de suas amigas, cumprimenta as demais pessoas presentes. As três amigas pertencentes ao grupo: Arlete, Sandra e Lúcia, que não compareceram à reunião anterior, estão presentes. A conversa do grupo está sendo regada a um bom vinho, como é costume antigo delas. Após o almoço, quando as amigas estão tomando um cafezinho, Helena lança uma pergunta no ar:

— O que uma mulher mais valoriza em um relacionamento com o sexo masculino?

— Para mim, informa Lúcia, o que mais valorizo é que o homem seja muito amoroso, que diga sempre o que pensa e sente, que seja um grande companheiro, e que a “química” entre nós seja muito boa. Quando eu digo química, quero me referir à paixão, que de repente pode passar ao carinho mais meigo e singelo. Pode começar também por carinho que, de repente, inflama e tolda completamente os sentidos. É assim que gosto que um relacionamento seja, embora muitas pessoas não me vejam assim.

— Para ser muito simplificadora, diz Marlene, são três coisas que aprecio: inteligência, sensibilidade e iniciativa. Você pode encontrar combinações fantásticas de dois dos fatores citados, até mesmo combinações com acessórios bem atrativos, como beleza física, charme, gostosura, estabilidade financeira, vontade de ser pai. Mas quero

ver qual a mulher que já encontrou num heterossexual, por favor, a união das três coisas que citei.

— Do alto dos meus cinquenta e três anos, no dia 28 do próximo mês, não esqueçam: gosto que o meu companheiro tenha um certo nível cultural e uma situação financeira confortável, pois de pobreza basta a minha! Mesmo que tenha os requisitos que citei, o que é difícil reunir em uma só pessoa, ainda tenho a audácia de pedir que não seja muito feio. É muito, meu Deus? Acho que sim, e é por isso que estou sozinha, coloca Hilda.

— Eu agora gostaria de dizer alguma coisa, expõe Adriana. É sabido que com o passar dos anos e a vinda da maturidade, embora eu ache que ainda estou bem longe dela, as exigências de cada um vão se modificando. No meu atual estágio de quarenta anos de idade, acredito que uma relação só se estabelece de forma interessante e satisfatória quando existem três fatores: parceria, sinceridade e responsabilidade. É claro que ainda espero que o meu companheiro seja resolvido em termos emocionais. Os carentes que me desculpem, mas nós também precisamos de colo de vez em quando. Espero também que ele seja resolvido profissionalmente a esta altura da vida, e que seja bem-humorado. Já imaginou acordar todo dia ao lado de alguém mal-humorado? Eu tive isso por anos. É absolutamente horrível!

— Para mim, o companheiro ideal é um homem que saiba amar de verdade, diz Roseane. Não tenho nada a colocar além disso. Vou ficar escutando vocês.

— Eu também tenho pouca coisa a acrescentar, diz Vilma. Para mim é importante que o homem tenha sensibilidade e iniciativa, que seja educado, uma pessoa forte do ponto de vista psicológico. Além disso, que não tenha medo de ser feliz.

— Eu sinto não ter comparecido à última reunião do grupo. Soube que foi muito interessante, comenta Sandra. Também tenho pouca coisa a dizer. Eu gosto da presença cem por cento do homem que está ao meu lado. Isto significa dizer que ele esteja conectado e bem vinculado a mim em todas as nuances do maravilhoso cotidiano do casal. Gostaria que ficasse claro que não desejo um homem ao meu lado todo o tempo, mas que nas horas que estivermos juntos ele esteja

comigo física e espiritualmente. Gosto também que ele seja fiel e honesto.

— Eu também não estive presente na última reunião, porque viajei a serviço, informa Arlete. A primeira coisa, e acho que a mais importante, é realmente o amor, porque um relacionamento só ultrapassa momentos de crises internas e externas quando existe o amor. A segunda, acho que é a confiança. Sem ela ninguém consegue ser feliz, pois estará sempre insegura, vivendo assombrada pela possibilidade de uma traição ou mentira. A terceira e última coisa é o companheirismo. Um relacionamento sem ele está fadado ao insucesso. Do companheirismo surgem sentimentos importantes, como o respeito e a cumplicidade.

— Vocês já perceberam, coloca Vilma, que a Helena, mais uma vez, lançou a pergunta no ar e não se pronunciou?

— Outras pessoas também não se manifestaram e não estão sendo cobradas, justifica-se Helena, mas tudo bem. Eu apenas vou citar as três coisas julgadas importantes para mim: a inteligência, o companheirismo e a fidelidade, todas já mencionadas anteriormente. Um homem que reúna estas três coisas me faria muito feliz. Eu só não sei, e estou abrindo meu coração para vocês, se eu seria capaz de fazê-lo feliz, pois me casei com o trabalho.

— Eu não estou com vontade de falar sobre este assunto, mas quero fazer um registro que julgo muito importante: esta é a primeira vez que vejo Helena ensaiar abrir seu coração e falar sobre seus sentimentos. É um progresso imenso que observo em você, minha amiga. Nos últimos meses alguma coisa ocorre com você. As mudanças hoje são palpáveis.

— Vocês, pergunta Helena, por acaso querem me colocar, mais uma vez, na berlinda?

As amigas ainda conversam durante muito tempo. O sol já estava se pondo quando Helena se despede delas e retorna a seu apartamento. Ela lembra o domingo anterior, quando estivera com Pedro, e se indaga a razão de se lembrar dele durante a semana. Por mais que rebuscasse uma resposta com o cérebro, sua maneira de analisar a vida, não conseguia explicar para si mesma a razão de se lembrar dele.

Caso ela estivesse habituada a analisar algumas situações com o coração, daria razão a um ditado popular que diz: “o coração tem razões que a própria razão desconhece”.

6 – A Aparição de Helena

Alguns meses transcorrem desde o encontro de Pedro com Helena naquele restaurante na orla marítima. Depois de algum tempo, Pedro desistiu de encontrá-la e fica em casa estudando, busca ideias para modificar um equipamento fornecido para outro grande cliente de sua empresa. Já faz algum tempo que ele desenvolve um protótipo para teste, a ser realizado por técnicos do cliente nos próximos dias, prazo estipulado em contrato. Esse projeto ocupa seu tempo e mantém a sua mente ligada no trabalho, ajuda a esquecer aquela mulher que o marcara tão profundamente em apenas um encontro. Os colegas de trabalho notam o fato de ele estar diferente, com um ar de tristeza, mais calado do que normalmente ele é. Pedro faltou a alguns encontros com os amigos nos finais das tardes de domingo, quando vão jantar, assistir um filme ou uma peça teatral. Concentra toda a sua energia no trabalho. As modificações realizadas por ele no projeto da máquina têm surpreendido seus superiores e colegas de empresa, e têm impressionado positivamente o cliente. As adversidades ou situações consideradas desagradáveis funcionam para ele como uma alavanca a impulsioná-lo para o trabalho, que ele utiliza para fugir de fatos que ele não quer enfrentar ou que o incomodam.

É domingo, o dia amanheceu com muito sol, Pedro não fez sua caminhada habitual. Começa a trabalhar logo cedo e lá por volta das dez horas está cansado, devido às longas jornadas das últimas semanas. Resolve descansar o restante daquele dia. Troca de roupa e vai dar um passeio de carro. Sem se aperceber, após dirigir por algum tempo, o pensamento a vagar em suas atividades profissionais, verifica estar bem perto do restaurante em que conheceu Helena. Isso o leva a dirigir-se para lá, agora de maneira consciente. Entra no restaurante e pede uma cerveja. Almoça, retoma o caminho de volta nas primeiras horas da tarde e segue sua rotina de ir ao cinema e jantar com os amigos.

Na quarta-feira Pedro supervisiona os últimos ajustes no protótipo do equipamento em que realizará os testes das modificações solicitadas pelo cliente, para aprovação final e colocação em linha de produção. Tem sido um período exaustivo para ele; as últimas atividades naquele projeto estão sendo realizadas naquela tarde. Os testes finais são cobertos de êxito e aprovados pela empresa contratante, sem necessidade de ajustes. Pedro e a equipe que trabalhou no projeto são convidados para um jantar com os dirigentes das duas empresas em um restaurante na orla marítima, onde comemorarão juntos o êxito do empreendimento. À noite, durante o jantar, os diretores informam a Pedro e à equipe envolvida no projeto que eles têm a quinta e a sexta-feira de folga. Somado ao final de semana, esse período será o tempo suficiente para se recuperarem do cansaço dos últimos dias, período necessário para as outras equipes realizarem os ajustes na linha de montagem, a fim de colocarem o equipamento modificado em linha de fabricação, com o objetivo de atender à aquisição de máquinas realizada pelo cliente.

Pedro acorda cedo em seu primeiro dia de folga, faz a refeição matinal e resolve dar uma caminhada na praia. Troca de roupa e segue, em seu carro, em direção ao calçadão, onde gosta de caminhar. O sol está abrasador, o trânsito está normal, com um fluxo maior de veículos na pista contrária, que leva da praia ao centro da cidade. O sinal fica vermelho, o trânsito para. Pedro olha para a pista ao lado, observa os carros parados, esperam o sinal abrir para seguir no sentido do centro da cidade. Nesse momento ele avista Helena sentada no banco de trás de um automóvel, muito concentrada na leitura de um documento. O sinal abre e o carro que conduz Helena arranca, os carros à sua frente se deslocam, ele permanece parado sem saber o que fazer. Os motoristas na fila atrás dele buzina enfurecidos, ele finalmente avança e pega o primeiro retorno. Tenta em vão localizar Helena, sem sucesso, fica bastante chateado, pois não conseguira ver a placa do automóvel que a conduzia. Contrariado, ele retoma o caminho da praia, onde passa o restante da manhã a recordar o incidente e a lamentar não ter conseguido alcançar o automóvel que conduzia Helena. Como ela estava elegante e séria, concentrada na leitura que fazia! Deve ser uma pessoa de alto poder aquisitivo, pensa Pedro, a julgar pela roupa,

o modelo de carro, o motorista. Seria ela casada? Pedro fica a meditar sobre o assunto, deixa a mente criar hipóteses, esquecido de que a realidade, na maioria das vezes, é bem diferente dos quadros pintados pela imaginação travessa. Muitas e muitas vezes os quadros criados pela imaginação não têm quaisquer semelhanças com a realidade. Maldita a hora em que aceitou o convite dela para passarem a tarde juntos naquele domingo, diz a si mesmo. A partir daquele dia ele perdera a tranquilidade.

Perto da hora do almoço Pedro encontra um amigo na praia, conversam sobre suas atividades profissionais, almoçam juntos, e ele só retorna a seu apartamento no final da tarde. No período da noite ele vai à casa de um casal amigo e conversa com eles, coisa que não fez nos últimos dias por excesso de trabalho. Retorna a seu apartamento, vê um filme na televisão e vai dormir.

No dia seguinte ele pensa seguir o mesmo caminho do dia anterior, no mesmo horário, na esperança de encontrar Helena, mas desiste da ideia por achar que isso é pouco provável, as chances de acontecer novamente são remotas. Gasta seu segundo dia de folga em visita a parentes que não via há bastante tempo, ocupado que estivera no projeto que concluiu com sucesso. No final de semana ele descansa e segue sua rotina de ir à praia e ao cinema com os amigos.

7 – Helena Conhece Antônia

A agenda de Helena está repleta de compromissos no trabalho. Ela aproveita o tempo de deslocamento de seu apartamento até a empresa para repassar alguns pontos da reunião com a diretoria, a ser realizada logo no início do primeiro expediente. Concentrada no exame dos assuntos a serem debatidos na reunião, não percebe o trânsito a seu redor. Por essa razão, nem sequer nota a presença de Pedro nessa manhã de quinta-feira, apesar do automóvel que a conduz ter parado perto do carro dele, embora em sentido contrário. Ao chegar a seu local de trabalho dá algumas instruções a sua secretária e, em seguida, reúne-se com a diretoria.

Algumas mudanças ocorreram em seu comportamento, mudanças essas aceleradas depois do diálogo com Tânia. Helena já leu alguns dos livros recomendados por ela; o que a faz pensar muito sobre a razão da existência do ser humano. Nos últimos meses ela enxerga novas perspectivas para sua vida, não resume sua existência somente a trabalhar e ter sucesso como profissional. As mudanças já vinham se processando há bastante tempo, mas nos últimos dias elas ganharam aceleração e já são percebidas pelos que convivem com ela no trabalho. Eles indagam entre si sobre a possibilidade de a “dama de gelo”, como é chamada às escondidas nos corredores da empresa, estar derretendo. Ao contrário do que Helena pensava, à medida que sua sensibilidade aumenta, ela melhora seu desempenho no campo profissional e no relacionamento com as pessoas. Na realidade, atrás da máscara de frieza que ela usava, escondia-se um caráter apaixonado e vibrante, cujo entusiasmo agora ela mostra de maneira clara nas tarefas que executa, sejam grandiosas ou insignificantes. Seu comportamento é contagiante e afeta os que a cercam. As pessoas a seu redor são envolvidas por sua energia, vibração e capacidade mágica de agir com entusiasmo nas tarefas que executa.

Mergulhada nas atividades de trabalho, como é seu costume, raramente se lembra de seu encontro com Pedro. Helena amadureceu

muito nos últimos meses: as leituras realizadas, as conversas com as amigas, o conhecimento adquirido nos cursos frequentados.; a soma de tudo isso tem contribuído para transformar sua maneira de ver a vida, seu modo de se relacionar com as pessoas. Embora ela tenha tentado através de vários contatos telefônicos, não conseguiu encontrar-se novamente com Tânia, que sempre descarta o convite para um novo encontro no apartamento de Helena, por indisponibilidade de tempo. Tânia sempre convida Helena para participar em uma obra de caridade, através da doação de trabalho, e Helena sempre adia seu envolvimento em obras de caridade sob a alegação de não dispor de tempo.

Na área profissional, Helena promoveu uma série de mudanças na empresa, tornou mais humana a relação com os colaboradores, modificou o ambiente físico, tornando-o bem mais agradável para trabalhar. O relacionamento entre as pessoas é mais humano, com resultados surpreendentes no desempenho da empresa, comprovando as teorias administrativas estudadas por ela.

Depois de muito relutar, Helena aceita o convite de Tânia e visita uma obra de assistência à criança abandonada. Pela primeira vez, ela entra em contato direto com uma realidade conhecida apenas através dos noticiários dos meios de comunicação de massa. Ela fica profundamente abalada com o que vê, toma conhecimento das batalhas diárias travadas pelos trabalhadores da casa para manter aquelas crianças alimentadas, educadas e sendo preparadas para enfrentarem a vida, sem enveredarem no caminho das contravenções. A imagem da orla marítima em que vive lhe vem à lembrança: seu lindo e luxuoso apartamento, tudo tão diferente daquela realidade agora testemunhada. Ela está profundamente abalada. Compreende agora a razão pela qual Tânia não tinha tempo para atender seus pedidos de visitá-la com a finalidade de trocarem ideias. Para tratar dos assuntos que inquietam sua mente, existem inúmeros livros escritos, mas a situação daquelas crianças era uma prioridade inadiável. Helena fica comovida com essa realidade, tão diferente daquela vivida por ela e suas amigas. Está parada, silenciosa e pensativa, quando uma garotinha se aproxima dela, segura sua mão e indaga:

— A senhora está doente? Quer que eu leve a senhora até a enfermaria?

— Não é necessário, mas lhe agradeço a ajuda. Qual é o seu nome?

— Antônia.

— Quantos aninhos você tem?

— Sete.

— Há quanto tempo você vive aqui?

— Muito tempo...

— Vejo que já se apresentaram, diz Tânia, aproximando-se das duas. Esta menina gosta muito de conversar, mas quero saber se já fez as suas tarefas escolares, pois amanhã é dia de aula.

— Já, tia Tânia.

— Então vá brincar com as outras crianças enquanto eu mostro os locais da nossa casa que a tia Helena ainda não viu.

Depois de mostrar toda a obra de assistência à criança abandonada, ali realizada, Tânia deixa Helena sozinha em uma sala da administração, enquanto resolve algumas tarefas inadiáveis, pede desculpas a sua convidada por sua ausência. Ao ficar sozinha, Helena pensa em maneiras de ajudar as crianças que ali vivem. Ao retornar, Tânia fala:

— Existem outras obras dedicadas à assistência aos idosos, às mães solteiras e inúmeras outras atividades de caridade, exercidas por vários grupos que conheço. Caso esteja disposta, posso encaminhar você para estas obras, a fim de que tenha condições de escolher aquela que melhor fale ao seu coração.

— Eu confesso ter ficado um pouco chocada com esta realidade. Uma coisa é ler uma notícia a respeito do assunto nos jornais e revistas, ver uma notícia na televisão. Mas quando temos um contato direto com esta realidade, criamos uma consciência do que é a vida destas crianças.

— Devo salientar uma coisa: você viu apenas o lado menos negro desta realidade. As crianças aqui abrigadas recebem alimentação, educação, vestimenta e carinho. As que estão abandonadas nas ruas,

cheirando cola de sapateiro, dormindo debaixo de viadutos e nas praças públicas, são problemas bem mais graves e de solução difícil, a exigir um esforço da sociedade para a erradicação desta triste realidade.

— O que você tinha em mente quando me trouxe até este lugar?

— Em primeiro lugar, levá-la ao contato com esta realidade, conhecida apenas através do noticiário dos meios de comunicação. Em segundo lugar, dar a você a oportunidade de trabalhar para provocar mudança em si mesma.

— Vou fazer uma proposta de ajuda a esta instituição na próxima reunião de diretoria da empresa em que trabalho.

— Agradeço de coração qualquer ajuda financeira capaz de melhorar a situação destas crianças. Todavia, não é esta a essência do trabalho que lhe proponho.

— Confesso que não entendi a sua sugestão.

— Dar uma ajuda financeira é a parte mais fácil para você, quer ela venha da empresa ou do seu patrimônio pessoal. Dar o seu tempo, dar o seu esforço pessoal, o seu envolvimento pessoal com as crianças, esta é uma tarefa bem mais difícil para você, mas é o que você necessita realizar. Da mesma maneira que você alegou falta de tempo para realizar a visita hoje concretizada, quando chegar o tempo certo você nos procurará, para doar uma parte do seu tempo a fim de ajudar estas crianças. Além do seu trabalho, você trará muitas outras pessoas do seu círculo de amizade para trabalharem conosco. Não me responda agora; apenas me acompanhe mentalmente na prece que farei. Após a prece, peço a gentileza de retornar silenciosamente ao seu lar e recolher-se em um local em que possa meditar sobre todos os acontecimentos deste domingo, sem quaisquer interferências capazes de atrapalhar sua meditação.

Após escutar a prece, na qual Tânia pede muita paz e luz para toda a humanidade, Helena regressa a seu apartamento, onde fica a meditar sobre o que tinha visto e escutado nesse domingo.

8 – Novos Objetivos

Após um período, no qual meditou acerca de seu último diálogo com Tânia, e depois de ler sobre a situação das crianças abandonadas que vivem no centro da cidade, Helena toma duas resoluções. Apresenta em reunião de diretoria uma proposta para que a empresa passe a colaborar com a entidade em que Tânia trabalha como voluntária, o que é aprovado sem restrições. Ela passa a dedicar os dias de domingo ao trabalho de ajuda às crianças. Isso a tem mantido afastada de seu grupo de amigas.

Naquela noite de domingo Helena recebe suas amigas em seu apartamento. O céu está sem nuvens, a lua nasceu e cobre o mar com uma luz dourada, um espetáculo de rara beleza, a inebriar a alma dos que o assistem. Todo o grupo de amigas está reunido no terraço do apartamento, ao redor de uma grande mesa redonda. Como sempre, a conversa entre elas está animada, os mais variados assuntos são discutidos. Hilda indaga de Helena:

— O que você anda fazendo nos últimos domingos? Não fica mais em casa e não conseguimos entrar em contato, pois o celular fica desligado!

— Estou trabalhando em uma obra de caridade dedicada à assistência das crianças desamparadas, informa Helena.

Todo o grupo para. Um silêncio profundo se estabelece, os olhares convergem para Helena, pois elas jamais imaginariam a amiga trabalhando em uma obra de caridade ou qualquer outra atividade fora do âmbito profissional. Percebendo a surpresa das amigas, Helena fala:

— Por que tamanha surpresa? Por acaso vocês não admitem mudanças no comportamento de um ser humano? Quero hoje convidar vocês a se engajarem nesta obra de assistência à criança abandonada. Devo confessar ser esta uma das razões de estarmos agora aqui reunidas. Gostaria de dar um novo rumo à nossa capacidade de realizar coisas, de fazer a diferença nos grupos em que atuamos, por mais

desafiantes que sejam os objetivos, pois somos mulheres especiais. A outra razão vem do coração: eu estava com saudades de todas vocês.

Helena explica o que elas poderiam fazer para modificar a realidade daquelas crianças, os benefícios fiscais oferecidos pela legislação vigente para as empresas que doarem recursos para a obra, a melhor maneira de envolver a diretoria da empresa no projeto, a ajuda que cada uma poderia dar com seu trabalho pessoal para melhorar a qualidade de vida daquelas crianças. Durante muito tempo as amigas discutem o projeto. Acertam uma visita no próximo final de semana, para elas conhecerem de perto a obra, antes de definirem as linhas finais de ajuda. Helena explica ser aconselhável irem vestidas de maneira simples e utilizarem um carro popular para não chamar a atenção, pois iriam visitar uma comunidade muito pobre. A conversa do grupo volta a enfocar outros assuntos e, em virtude de amanhã ser dia de trabalho, as amigas se despedem mais cedo.

Quando fica sozinha, Helena, mais uma vez, põe-se a meditar sobre as modificações ocorridas em sua vida nos últimos meses. O trabalho de ajuda aos necessitados traz uma grande paz a seu espírito, uma capacidade de discernir melhor as coisas, uma maturidade cada vez maior. Ela consegue ver com clareza suas limitações e suas potencialidades. Seu relacionamento com as pessoas está mais maduro, ela as aceita como são, sem querer modificá-las. Tudo isso é percebido pelas pessoas que convivem com ela, quer seja no trabalho, quer seja em seu círculo de amizade. Em sua tela mental surge a figura de Antônia, a garotinha órfã, por quem ela sente maior afeto à medida que o tempo passa. Em alguns momentos, Helena pensa em adotá-la, mas não se sente em condições de ter uma criança em sua vida, em decorrência dos compromissos profissionais.

No domingo seguinte vamos encontrar Helena e suas amigas em visita à obra de caridade. O local em que a obra está localizada, nos arredores da cidade, no qual imperam soberanas a pobreza e a carência das crianças ali socorridas, tudo é muito diferente da realidade vivida por aquelas mulheres no dia a dia de suas vidas. Pessoas inteligentes, habituadas aos embates em que a arma utilizada é a inteligência, estão pouco preparadas para situações como a que agora en-

frentam, na qual a arma a ser utilizada é o sentimento. Por essa razão, elas não sabem como agir, dão a impressão de apatia, o que não corresponde absolutamente ao que acontece no íntimo de cada uma. Ao terminar a visita, Tânia reúne todas em uma sala e faz uma prece agradecendo a visita de todas, pede ao Criador que ilumine todas as criaturas, perdoe nossas fraquezas e dê a cada um a força necessária para sua caminhada. Após as despedidas, o grupo se encaminha à casa de Helena, onde elas passam a falar sobre seus sentimentos durante a visita ao orfanato.

— Embora nós já tivéssemos conversado sobre a realidade daquelas crianças, visitá-las é uma experiência bem diferente, expõe Lúcia.

— Eu fiquei muito chocada. Confesso que mexeu muito comigo, declara Roseane.

— A questão agora, coloca Sandra, é definir uma maneira de ajudarmos aquelas crianças. Qual seria a maneira mais eficiente?

— As carências são enormes, explica Helena. A maneira mais prática seria cada uma definir qual seria o valor da sua contribuição mensal. O valor arrecadado será levado às crianças já transformado em alimento, roupa, livros ou quaisquer outras necessidades delas. Esta é a parte mais fácil para nós, mas poderemos dar um passo além da doação do dinheiro e doarmos algo de nós mesmas. Podemos dedicar uma parte do nosso tempo para ajudarmos aquela instituição a se organizar melhor. Nós temos a experiência e a capacidade necessárias para fazer isto.

O grupo aprova a sugestão de Helena, define a quantia mensal que será dada por cada uma, elege Adriana a responsável pela arrecadação das contribuições e define a data de pagamento. Vilma, Hilda e Lúcia se oferecem para fazer as compras para as crianças, o que é aceito pelo grupo, sob a condição de haver um rodízio nessas atividades. Pela primeira vez, aquele grupo de mulheres se reunia com o objetivo de fazer alguma coisa em benefício dos necessitados, fato que trouxe para todas elas uma sensação de paz, impossível de ser traduzida em palavras. Ficou também acertado o seguinte: à medida que cada uma sentisse necessidade, entraria em contato com Tânia para

se engajar nas tarefas de ajuda aquela instituição através de algumas horas de trabalho.

9 – O Presente de Helena

O engajamento das amigas de Helena na atividade de ajuda às crianças modificou a realidade daquela instituição. Além da ajuda financeira, elas tornaram a instituição capaz de receber contribuições de órgãos governamentais e de entidades internacionais. Elas mudam a realidade daquela organização, dão um novo ritmo de realizações à instituição, contagiam todas as pessoas envolvidas naquela instituição. Por outro lado, a atividade desenvolvida em benefício das crianças traz paz e maturidade espiritual para elas, dá um novo sentido a suas vidas. Algumas se engajaram no trabalho de assistência às crianças, acompanham Helena nos dias de domingo. Outras se limitam à ajuda financeira, sem maiores envolvimento, comparecem esporadicamente para uma visita às crianças, em decorrência de diversos fatores que afetam suas vidas.

Helena tem lido muito acerca de espiritualismo nos últimos meses. Existe uma forte ligação afetiva entre ela e Antônia. Elas gostam de conversar e estar juntas, e isto desperta em Helena sentimentos há muito adormecidos em seu coração. Nessa tarde de domingo vamos encontrar Helena e Tânia mantendo um diálogo a respeito dessa amizade.

— Estou afetivamente muito ligada a Antônia, revela Helena.

— Ela gosta muito de você. Espera ansiosamente pelo dia de domingo para estar na sua companhia, informa Tânia.

— É uma coisa natural a amizade entre nós duas. Temos prazer de estar juntas, de realizar algumas atividades em conjunto. Tenho prazer em ajudá-la nas tarefas escolares.

— As crianças órfãs têm necessidade de alguém que faça o papel de mãe.

— Às vezes sinto vontade de convidá-la para passar o sábado comigo, em meu apartamento.

— Não acho que seria prudente, pois você vive uma realidade econômica e social muito diferente da vivida por Antônia. Seria um

choque muito grande para ela. Leve-a, junto com outras crianças, para comerem uma pizza, ou a um cinema ou parque, a fim de que ela vá, aos poucos, tomando contato com uma realidade somente conhecida através da televisão. Mais tarde, se ainda existir o desejo de estreitar os laços, você decidirá se deve ou não a levar para passar um final de semana com você. Recomendo muita prudência, a fim de não criar expectativas naquele coração, pois apesar de ser muito nova ela já experimentou muitas perdas afetivas. Sua intenção é dar uma alegria para ela, mas as crianças abandonadas têm algumas dificuldades que precisam ser compreendidas, antes do estreitamento dos laços afetivos.

— Você tem razão, concorda Helena.

— Observe uma coisa interessante no seu comportamento: você usa um carro popular para vir até aqui e se veste de uma maneira simples, sem maquiagem. A sua intenção é não mostrar o seu poder econômico; uma atitude louvável. Mas, para as pessoas que vivem por aqui, este é um nível julgado inacessível por elas. Este mesmo cuidado, eu tenho certeza, você terá com Antônia.

— Quantas crianças nós temos aqui no orfanato?

— Quarenta e três.

— No final de semana teremos um circo visitando a nossa cidade. Gostaria de comprar ingressos para toda a garotada assistir a sessão da tarde de sábado. Depois elas irão para uma pizzaria fazer uma farra inesquecível, comer pizza até não aguentarem mais. Caso vocês concordem, avisem no começo da semana, dando o número certo de crianças que irão e de adultos que ajudarão no trabalho de levá-las ao circo. Quero os olhos desta garotada a brilhar de alegria, e explosões de gritos quando os palhaços entrarem no picadeiro. Quero propiciar a elas um pouco de alegria e fantasia, pois essas coisas são muito importantes na vida de uma criança.

— Sem dúvida. Consultarei os dirigentes e lhe avisarei na terça-feira qual foi a decisão, mas acredito que não haverá impedimentos.

— Caso eu esteja ocupada, deixe o recado com Elisa, a minha secretária, dê o número certo de pessoas, a fim de providenciarmos o transporte e os ingressos.

Na tarde de sábado vamos encontrar as crianças alvoroçadas, aguardando impacientes o ônibus que as conduzirá ao circo. Para a maioria delas, é a primeira vez a se afastarem daquela localidade. Isso já é uma experiência excitante. Além disso, ir a um circo e comer uma pizza está além do que elas podem suportar como emoção, fazendo-as extravasarem, através de gritos e correrias, as emoções sentidas pela alma. Ao escutarem o barulho do ônibus a se aproximar, elas correm ligeiras para formar uma fila, para ficar nos primeiros lugares, a fim de poderem ver o percurso a ser percorrido. Isso é motivo de muitas brigas, exige muito trabalho de Tânia e das demais pessoas encarregadas de levá-las ao circo. Somente quando Tânia ameaça cancelar o passeio elas conseguem se acalmar. Afinal de contas, viajar no banco de trás é melhor do que não viajar.

Elas ocuparão uma área de cadeiras numeradas, junto do pica-deiro. Antes de entrarem no circo, Tânia forma uma fila, começando pelas crianças menores. Ela pede para entrarem no circo em silêncio e informa que as crianças menores se sentarão nos lugares da frente, de acordo com a ordem na fila. Caso acontecessem quaisquer confusões e brigas, o jantar na pizzaria estará cancelado. Foi um santo remédio: a entrada no circo foi o inverso do que vimos na chegada do ônibus.

Quando elas se acomodam e ainda olham cada detalhe do circo, ocorre mais uma surpresa organizada por Helena: uma distribuição de pipocas. O espetáculo do circo é um deslumbramento para a garotada, eles ficam roucos de tanto gritar na hora dos palhaços, têm medo na hora dos animais, prendem o fôlego na hora dos trapezistas. As crianças ficam encantadas: para elas aquilo é magia.

Foi uma tarde inesquecível para todos. Lamentaram quando o espetáculo terminou. O retorno para o ônibus foi mais tranquilo, o desembarque na pizzaria transcorreu em ordem, o salão de festas estava reservado para elas, que se fartaram de pizzas de todos os sabores. No retorno à comunidade elas estão cansadas e a maioria adormece, dão muito trabalho na hora do desembarque. Antes de se despedir de Tânia, Antônia indaga:

— Por que tia Helena não foi ao circo?

— Tia Helena é uma pessoa muito ocupada, explica Tânia. Ela tem muitas obrigações no seu trabalho.

— Mas eu queria ter ido ao circo com ela.

— Amanhã ela não estará com vocês, viajará para atender as necessidades de seu trabalho profissional. Aprenda a se contentar com o que a vida lhe oferece. Agora vá escovar os dentes e dormir

— O que é trabalho profissional, quer saber Antônia.

— O trabalho que os adultos fazem para ganhar dinheiro e comprar as coisas que necessitam para viver. Existem as atividades de pedreiro, jardineiro, médico, engenheiro e tantas outras profissões. Agora já chega, o dia foi repleto de emoções, está na hora de dormir. Boa noite.

— Boa noite, tia Tânia.

10 – O Aniversário de Lúcia

Pedro segue a rotina de sua vida pacata, sem esperanças de reencontrar Helena, embora em alguns domingos ainda vá até aquele restaurante para recordar aquela tarde. Ele tem se dedicado bastante ao trabalho, tem desenvolvido novos projetos. Isso o ajudou a esquecer Helena, hoje apenas uma doce recordação de uma tarde de domingo.

Pedro foi ao circo assistir a sessão da tarde na companhia de sua amiga Lúcia, no mesmo dia da ida das crianças do orfanato. Eles eram contemporâneos de universidade, Pedro fez engenharia mecânica e Lúcia engenharia civil. Ele fica admirado com a quantidade de crianças e é informado por Lúcia, que reconhece Tânia, tratar-se de crianças de um orfanato localizado nos arredores da cidade. Ela o convida para conhecer a obra de assistência às crianças, mas Pedro não demonstra muito entusiasmo com a ideia. Após o espetáculo eles jantam juntos, trocam ideias sobre a magia do circo, a vida profissional dos dois, desaguam na vida amorosa de Pedro. Lúcia escuta, mais uma vez, o relato da tarde de amor dele com Helena, sem imaginar que ele estivera com sua amiga. Jamais imaginara Helena envolvida em tal tipo de aventura. Após uma longa conversa, os dois amigos se despedem e retornam a suas casas, prometendo se encontrarem novamente no sábado à noite, quando Lúcia estará aniversariando e receberá seus amigos mais íntimos em sua residência.

O pequeno apartamento de Lúcia, naquela noite de sábado, está cheio. As pessoas bebem e conversam animadamente, saboreiam salgadinhos deliciosos feitos pela aniversariante. Helena esteve com ela na parte da manhã, pois viajou a serviço no final da tarde e passará a semana no exterior. Os amigos estão examinando um álbum de fotografias de Lúcia, quando Pedro reconhece Helena em uma das fotos. Chama sua amiga e diz:

— Esta é Helena, a pessoa com quem tive a aventura que lhe contei.

— O nome dela é realmente Helena, mas é difícil acreditar que ela se envolva em aventuras amorosas do tipo que você relatou. Por esta razão, quando você falou o nome da pessoa, eu jamais pensei na minha amiga.

— Eu tenho certeza de que é ela. Quando ela chegar para sua festa você verá que eu não estou enganado.

— Ela passou aqui na parte da manhã. A esta hora deve estar em um avião, viajando a serviço, ficará fora durante toda esta semana.

— Como posso encontrá-la? Você pode me dar o telefone dela?

— Não gostaria de fazer isto sem autorização dela, mas deve haver uma maneira de lhe ajudar. Já sei! Existe um modo bem simples de estar com ela e verificar se é realmente a mesma pessoa: visitar aquelas crianças que vimos no circo, em dia de domingo, ocasião em que ela trabalha na instituição de caridade que ajuda as crianças.

Satisfeitos com a solução encontrada, os amigos continuam a conversar. Em virtude de a conversa entre os dois ocorrer na mesa em que estavam sentadas outras amigas de Helena, o diálogo entre os dois é ouvido por elas.

A festa prossegue. Já estamos nas primeiras horas do domingo quando as pessoas regressam para suas casas. Ficam apenas Lúcia, Roseane, Adriana e Marlene.

— Embora esta não fosse a nossa intenção, diz Roseane para Lúcia, escutamos a sua conversa com seu amigo. Por acaso a pessoa é Helena, nossa amiga, casada há muitos anos com o trabalho, com o qual mantém relações indissolúveis?

— Não sei, responde Lúcia. Ele acha, sem sombras de dúvida, que é ela. Para mim seria uma grande surpresa, pois não conheço este lado da personalidade de Helena.

— Para mim, concorda Adriana, também seria uma grande surpresa, mas Helena sempre foi uma mulher surpreendente. Não segue os padrões que nós mesmos estabelecemos para nossas vidas, limitando nossa capacidade de criar e realizar coisas. Talvez esta seja a principal razão do sucesso profissional dela.

— Gostaria de presenciar o encontro dos dois, confessa Marlene. Será uma cena digna de registro.

— Minhas queridas amigas, vocês não farão isso, adverte Lúcia. O Pedro é uma criatura muito tímida. Pelo que conheço dele, sei que não terá coragem de abordar Helena, caso haja um número grande de pessoas por perto.

— Vocês acham, coloca Adriana, que ele é a pessoa indicada para a Helena?

— Quantas vezes nós achamos que um relacionamento entre duas pessoas não tem a menor chance de dar certo, no entanto, contrariando nossa previsão, ele é duradouro. Quantas vezes nós achamos que um determinado casal forma um par perfeito, mas apesar daquilo que acreditamos, eles se separam em pouco tempo. O Pedro e a Helena são duas pessoas adultas, independentes, criaturas que eu amo muito, mas não pretendo ir além da tarefa de apresentar um ao outro. O restante é decisão deles, conclui Lúcia.

— Torço muito para que a Helena seja feliz com alguém, acrescenta Roseane. Ela tem mudado muito nos últimos meses, está permitindo que as pessoas entrem um pouco no seu mundo interior. Eu gostaria também de encontrar alguém para compartilhar a vida comigo.

— Acho que o ser humano é gregário, não gosta de viver sozinho. Ter alguém para dividir a alegria e a tristeza é muito bom. Sair de casa e se despedir de alguém, retornar ao lar e ter uma pessoa para abraçar, para conversar, estas pequenas coisas é que fazem a vida ser fantástica, conclui Marlene.

11 – Pedro Encontra Helena

Depois de uma semana de viagem no exterior, Helena chega a seu apartamento. Toma um banho quente e vai dormir, vencida pelo cansaço decorrente de longas negociações para abertura de novos mercados para a empresa. Diferenças de fusos horários e o cansaço da viagem fazem com que ela acorde tarde naquele domingo. Ela come fruta e vai trabalhar, examina sua agenda de trabalho para a segunda-feira. Há muitas providências a tomar a fim de organizar algumas atividades a serem executadas no primeiro expediente da segunda-feira. Isso impossibilita uma visita às crianças, como ela deseja fazer. Está mergulhada no trabalho quando o telefone toca. É Lúcia indagando se ela irá visitar as crianças. Helena informa estar sobrecarregada de compromissos profissionais na segunda-feira, trabalhará durante todo o domingo, e que só estará com as crianças na próxima semana. Informa a Lúcia de sua necessidade de voltar para o trabalho, pede desculpas e despede-se da amiga. A notícia deixa Pedro triste. Mais uma vez ele vê frustrado seu desejo de um novo encontro com Helena. Lúcia aproveita a oportunidade para mostrar toda a obra ali desenvolvida, consegue interessar o amigo na necessidade de fazer alguma coisa em benefício das crianças daquela comunidade. Após a visita os dois se dirigem a um restaurante, onde continuam a conversar. Lúcia aproveita a ocasião para perguntar:

— Caso Helena seja a minha amiga, hipótese que eu acredito não ser verdadeira, vocês são duas pessoas muito diferentes. Tiveram apenas um encontro de uma tarde, o que não deve ter dado tempo para se conhecerem. Caso as diferenças sejam de tal ordem que impossibilitem uma convivência a dois, como você reagirá?

— Não pensei em tal possibilidade. Desejo apenas reencontrá-la e ter um relacionamento. Você está preocupada com um problema que nem sequer sabemos se existe.

— Tudo bem, mas deixe-me continuar a tentar lhe ajudar. Caso a pessoa que você deseja encontrar seja a minha amiga, ela é extre-

mamente ocupada, o que significa pouco tempo disponível para um relacionamento. Você está pronto para só se encontrarem quando ela tiver tempo?

— Caso eu não conhecesse você, seria levado a acreditar que deseja impedir que eu conheça sua amiga.

— Como eu o conheço bem, desejo apenas chamar sua atenção para alguns pontos que não estão sendo examinados por você. Caso isto esteja incomodando, eu paro. Meu amigo, eu julgo importante que você avalie a situação antes de seguir em frente. Não tivemos esta conversa antes porque não acreditei que Helena fosse a minha amiga. E ainda não sabemos se estamos tratando da mesma pessoa.

— Eu entendo a sua intenção, mas não consigo ter cabeça para examinar o que você me diz.

— Isto apenas confirma o que eu percebo. Você está se comportando como um adolescente. É uma atitude não condizente com a sua idade. Vamos falar de outros assuntos, pois vejo que é inútil qualquer tentativa de analisar a situação. Você está se comportando como se este fosse o seu primeiro contato com o sexo oposto, o que não vejo como uma atitude adequada para um adulto.

Logo após o almoço, Lúcia despede-se do amigo, a fim de atender outros compromissos, e Pedro retorna a seu apartamento. Ele pensa: por que razão um assunto parece ser tão fácil para uma pessoa e tão difícil para outra? Alguns amigos têm grande facilidade de manter um relacionamento afetivo com as mulheres, enquanto outros, como ele, têm grandes dificuldades de manter um contato mais íntimo com uma mulher.

A semana de trabalho de Helena foi cansativa, a agenda cheia de compromissos até o sábado. No domingo pela manhã, apesar de ter algumas tarefas para executar, ela resolve visitar Antônia. Quando ela chega, a garotada corre para agradecer a tarde no circo e o jantar na pizzaria, que para eles foram momentos inesquecíveis, comentados durante os últimos dias. Antônia segura em sua mão e diz ter sentido muito a falta dela, deixa-a emocionada. Naquele momento, mais do que em outras ocasiões, ela toma consciência de seu sentimento por aquela criança, do quanto ela toca seu coração. Helena se entrega àquele

sentimento, toma Antônia em seus braços e a beija ternamente. Esse ato provoca certa dose de ciúme nas demais crianças, fato observado por Tânia.

Helena desenvolve suas atividades costumeiras na Casa da Criança quando é abordada por Lúcia. Ela lhe informa estar acompanhada de um amigo chamado Pedro e relata o objetivo dele. Helena diz, para surpresa de sua amiga, conhecer Pedro, mas que neste domingo ela vai ficar com Antônia. Sairá em poucos instantes e falará com Pedro antes de sair. Ainda aturdida pela surpresa, Lúcia retorna para junto de seu amigo e informa que Helena virá dentro de poucos instantes. Ela é a pessoa tão procurada por ele, mas tem compromissos para este domingo e por essa razão virá apenas cumprimentá-lo. Poucos minutos depois surge Helena, acompanhada por Antônia. Ela caminha em direção aos dois amigos e, sorrindo, cumprimenta:

— Bom dia. Como tem passado, Pedro?

— Eu estou bem. Muito trabalho, muitas atividades...

— Esta é Antônia. Vamos passar o dia de hoje juntas, passearemos pela cidade, promessa feita a várias semanas atrás, mas que somente hoje cumprirei. Fale com o meu amigo Antônia.

— Bom dia, diz timidamente Antônia.

— Bom dia, Antônia, cumprimentam Pedro e Lúcia.

— Você deseja falar comigo, pergunta Helena a Pedro.

— Gostaria de convidá-la para almoçarmos.

— Eu disponho de pouco tempo para estar com Antônia no dia de hoje. Por esta razão peço desculpas a vocês. Vamos marcar um outro dia para jantarmos.

— O sábado à noite é sempre um bom dia para sair, incentiva Lúcia, diante da indecisão do amigo.

— Eu vou dar uma olhada na minha agenda e depois confirmo. Prazer em revê-los. Eu peço desculpas a vocês, mas agora tenho de cumprir as promessas feitas a Antônia. Vou levá-la para passar o domingo comigo. Vamos almoçar fora, depois vamos assistir um filme. É a primeira vez que ela vai a um cinema. Imaginem a emoção sentida por ela neste momento.

Helena se despede dos seus amigos sem dar seu telefone para Pedro e se dirige ao Shopping Center na companhia de Antônia, com o objetivo de comprar uma roupa e um sapato para sua amiguinha. Após as compras, Antônia está radiante de felicidade. Aquela é uma roupa vista por ela apenas nas revistas velhas folheadas no orfanato. Jamais imaginara vesti-las. Em seguida elas entram em um restaurante e Helena ajuda Antônia a escolher o almoço, ensinando-lhe o valor dos alimentos, as necessidades de proteínas e vitaminas do organismo humano. Só não consegue convencê-la a não tomar um refrigerante. Isto também seria pedir demais, convenhamos. Mas Antônia gosta mesmo é da sobremesa. Quando o garçom encosta o carrinho com uma variedade de doces e tortas, seus olhinhos brilham. Ela fica perdida, não sabe qual escolher, sendo necessária a ajuda de Helena. Antônia escolhe um tipo de doce e dois de torta, devorados vorazmente. Quando elas terminam o almoço, vão ao cinema assistir um filme infantil. Helena vai explicando o que elas terão de fazer para entrar no cinema, descreve como funciona e sua finalidade. Cada palavra dita por Helena é acompanhada com muita atenção por Antônia. Ela vai descobrindo um mundo novo, diferente daquele a que está habituada, mas aprende com rapidez. Após o filme, elas retornam ao orfanato, onde Helena despede-se de Antônia e de Tânia e retorna a seu apartamento. Começa a planejar as atividades do dia seguinte. Está mergulhada no trabalho quando o telefone toca.

— Oi, Helena. É Marlene. Você está muito ocupada?

— Como sempre, mas posso parar para conversar um pouco com você.

— Na próxima semana é o aniversário de Hilda e eu fiquei encarregada de organizar um jantar com o nosso grupo e os parentes dela, no próximo sábado.

— Vocês estão muito festeiras. Nos últimos meses já nos reunimos mais do que durante todo o ano passado.

— Não, minha amiga. No ano passado nós nos reunimos muito mais do que neste ano. Você é que estava mergulhada no trabalho e em viagens. Para nossa alegria, este ano você tem comparecido à maioria dos nossos encontros.

— Eu estarei com vocês. Para mim também é um prazer, mas terei de trabalhar durante todo o dia. Só poderei chegar depois das vinte e uma horas.

— Tudo bem. Contamos com você.

— Onde será realizado o aniversário?

— Naquele restaurante na cidade, onde nós costumamos ir aos dias de sábado, pois é sossegado e serve uma comida ótima. Boa noite. Até sábado.

— Boa noite.

12 – As Amigas se Reúnem

Nessa quinta-feira à noite, Helena está trabalhando em casa, lendo os últimos relatórios do desempenho da empresa, referentes ao terceiro trimestre do ano, recebidos no final do expediente, quando já estava de saída para casa. Ela está satisfeita com a performance da empresa nos últimos meses. Os resultados positivos serão transformados em uma significativa remuneração adicional para todos os colaboradores, na forma de participação nos lucros. Ela está feliz, pois o esforço da equipe será recompensado, as lutas diárias para atingir os objetivos estabelecidos serão transformadas em remuneração adicional para todos. O telefone toca. É sua amiga Lúcia, que após os cumprimentos habituais pergunta a Helena:

— Pedro deseja conversar com você. Posso dar o seu telefone para ele?

— Pode sim, não tem problema, mas este final de semana está um pouco complicado. No sábado tenho de trabalhar o dia inteiro; na parte da noite temos o aniversário de Hilda. No domingo passo o dia no trabalho de ajuda às crianças. Só disponho de tempo livre no final da tarde de domingo.

— Eu poderia levar o Pedro para o aniversário da Hilda, mas não acho uma boa ideia, pois ele é tímido e, se nossas amigas perceberem que está querendo ter um relacionamento com você, poderão falar alguma brincadeira que o deixará pouco à vontade. O melhor a fazer é dar o seu telefone para ele e desejar que vocês dois se entendam.

— O fato de voltarmos a ter um encontro não significa a obrigatoriedade de termos um relacionamento. Gostaria de deixar isto bem claro para ele e para você.

— Vocês dois são pessoas que eu amo muito, mas entendo ser decisão de vocês terem um relacionamento ou serem apenas amigos. Ajudo o Pedro a entrar em contato com você. O que acontecerá depois será fruto da vontade dos dois.

— Mudando um pouco de assunto: você já comprou o presente de Hilda?

— Ainda não. Pretendo comprar amanhã.

— Você poderia me fazer um grande favor, estou sem tempo para sair. Você pode comprar uma blusa para ela? Depois eu lhe pago.

— Com todo prazer. Só preciso saber quanto eu posso gastar.

— Uma das coisas que não gosto é estabelecer uma faixa de preço quando quero dar um presente para alguém. Em alguns casos, eu encontro uma coisa linda, é o presente ideal para aquela pessoa e custa barato. Outras vezes, o presente é caro, mas parece ter sido feito para a pessoa. Portanto, esqueça o preço e compre algo que faça a nossa amiga feliz.

— Um dia eu ainda farei isso, mas por enquanto tenho que andar de acordo com o meu orçamento, senão entro no cheque especial, vou pagar juros e complicar a minha situação no mês seguinte! Nós já conversamos muito; não vou mais tomar seu precioso tempo. Vou passar seu telefone para o Pedro, sair do circuito e desejar que vocês façam aquilo que seus corações ditarem. Um beijo. Boa noite.

— Boa noite.

Helena volta à análise dos relatórios de desempenho da empresa. Já são mais de vinte e três horas quando ela para e fica a meditar sobre a conversa com Lúcia. A lembrança de Pedro vem a sua memória. Um homem classificado por ela como “sem brilho” está querendo fazer parte de sua vida. Uma criança órfã, inteligente, meiga e educada ocupou um lugar em seu coração. Ela sempre se julgou imune ao que chama de “sentimentalismo”, nome através do qual classifica quaisquer manifestações de carinho ou de amor, vê-se agora envolvida em uma teia de emoções com as quais não está habituada a lidar. O relacionamento de seus pais com ela sempre fora frio e distante, bem diferente da ternura e carinho recebidos espontaneamente de Antônia. Seria esta a razão de se ligar a Antônia? Por que as outras crianças não atraíram sua atenção? As lições dos antigos filósofos lhe vêm à mente; recorda os diálogos mantidos com Tânia; tudo a leva a admitir a imortalidade do espírito, a existência de ligações seculares entre as pesso-

as. Mergulhada nessas meditações, ela busca o leito a fim de descansar, preparar o corpo para mais um dia de trabalho.

O restante da semana de Helena é marcado por muitas atividades, é o dia a dia de uma presidente atuante, que gosta de estar na linha de frente dos trabalhos, sem ser centralizadora das decisões, mas a regente da orquestra. Ela encerra suas tarefas no sábado; consulta o relógio. Já passa das vinte horas. Ela vai para seu quarto, deita-se na cama e resolve descansar um pouco antes de tomar banho e ir se encontrar com as amigas, a fim de comemorarem o aniversário de Hilda. Adormece vencida pelo cansaço resultante do ritmo de trabalho mantido nas últimas semanas. Ela acorda com o telefone tocando. São as amigas solicitando sua presença na festa. Ela levanta-se rapidamente, apronta-se e vai ao restaurante em que será comemorado o aniversário de Hilda.

Quando Helena chega ao restaurante, todas as suas amigas já estão reunidas, além de outras pessoas do círculo de relacionamento de Hilda. Ela dá um abraço na aniversariante e se reúne às amigas. Em determinado momento da conversa, o assunto gira em torno da obra de ajuda às crianças pobres da comunidade. A maioria delas colabora com ajuda financeira; algumas também dedicam uma parcela de seu tempo trabalhando em favor da comunidade. Em determinado momento, Vilma toma a palavra e coloca:

— Quero confessar uma coisa para vocês: eu estou surpreendida com o trabalho que Helena desenvolve naquele local. Não me refiro à qualidade do trabalho, pois todas aqui conhecem a capacidade de Helena, mas ao fato de ela se dedicar a uma obra de caridade, passando todos os domingos nesta atividade. Sempre conheci Helena casada com o trabalho profissional, uma união que não abria espaço para outros afazeres.

— Nos últimos dias, quando nos reunimos vocês querem me colocar na berlinda. Por favor, vamos falar de outras coisas, pede Helena.

— Domingo passado eu vi você e uma criança almoçando em um restaurante, coloca Sandra. Como poderemos abafar a nossa curiosidade e deixar de perguntar quem era a criança, que parecia muito contente na sua companhia?

— O nome dela é Antônia e é uma das crianças atendidas pela obra assistencial onde todas nós colaboramos.

— Você estava com uma criança em um restaurante, minha cara amiga, admira-se Roberta. Eu estou completamente atônita! Jamais imaginei você fazendo isso.

— A minha curiosidade anda nas alturas, fala Adriana, se esta criança mora na comunidade, como se vestiu para sair com Helena?

— Como eu conheço vocês muito bem, sei que não vão me deixar em paz enquanto não obtiverem as informações desejadas, diz Helena. Vou explicar: saí com ela no domingo e passamos o dia juntas, comprei aquela roupa, almoçamos e fomos ao cinema.

— Você está cuidando de uma criança, perguntam as amigas ao mesmo tempo.

— Por que tamanho espanto? Por acaso vocês me julgam incapaz de cuidar de uma criança? Eu não estou falando de um recém-nascido.

— Não se trata de capacidade de cuidar da criança, mas em ter desejo de fazer isto, em querer se envolver em uma relação que vai tomar um tempo que você sempre dedicou ao trabalho, explica Arlete.

— Vocês insistiam para eu fizesse algo além do trabalho profissional, relembra-lhes Helena, mas quando eu assumo uma atividade fora do trabalho vocês se espantam. Não consigo entendê-las.

— O nosso espanto não foi com sua atividade fora do seu trabalho profissional, pois foi você quem nos convidou para ajudar aquele orfanato. Nossa admiração foi com o fato de você estar saindo com uma criança, esclarece Hilda, pois não tínhamos visto até agora este seu lado maternal.

— Eu mesma não conhecia este lado meu, admite Helena, aflo-rado agora, quando travei contato com Antônia.

— Ao escutar você falando, eu tenho a impressão de que existe um sentimento mais profundo entre você e a criança, diz Arlete.

— É verdade, concorda Helena. Eu sinto uma grande ternura por ela. Devo confessar uma coisa: penso seriamente em adotá-la como filha, caso tenha a certeza quanto a ser meu sentimento por ela tão forte quanto eu imagino.

Caso uma bomba tivesse caído em cima da mesa e explodido, não teria causado um efeito tão devastador quanto aquelas palavras de Helena. As amigas se calam, trocam olhares sem saber o que dizer, tamanha foi a surpresa delas. Pouco a pouco vão se refazendo do impacto provocado pela notícia, Hilda é a primeira a falar:

— Pelo que conheço do seu comportamento, quando você torna uma notícia pública é sinal de que o assunto já está amadurecido no seu íntimo. Então, devo deduzir o seguinte: dentro de um determinado período a Antônia fará parte da sua vida e da nossa.

— Sim, responde Helena. A Tânia me recomendou muita prudência, conduzir o processo com muita calma. Estou pensando em reformar uma das suítes do meu apartamento para Antônia. Caso ela não venha morar comigo, hipótese pouco provável, servirá para ela passar os finais de semana no meu apartamento.

— Você já pensou nas modificações que isto provocará na sua vida, no tempo que terá de dedicar a esta criança? De que maneira, pergunta Hilda, você conciliará suas atividades profissionais com as tarefas de mãe?

— Nos últimos meses venho modificando a minha maneira de trabalhar, responde Helena. Dedico os dias de domingo ao trabalho de assistência às crianças carentes, fato por mim mesmo considerado impossível há alguns meses. Tenho encontrado tempo para ler sobre os problemas das crianças órfãs e das que são adotadas. Sei exatamente quais dificuldades vou enfrentar. Não estou dando um salto no escuro.

— Nós conhecemos o seu estilo de agir e sabemos quão responsável você é. A nossa intenção é ajudá-la a ter presentes todas as variáveis que envolvem a questão. Afinal de contas, os amigos servem também para isto, coloca Vilma.

— Você sempre me surpreende, fala Lúcia, que até aquele momento permanecera calada. Eu comparo você a um mágico a tirar coisas surpreendentes da cartola. Fazemos votos para que você e Antônia se deem muito bem e sejam felizes. São nossos votos para as duas.

— Gostaria também de dizer algo e tenho a certeza de falar em nome de todas as aqui presentes: você pode contar conosco, princi-

palmente com as que já são mães, para ajudarmos no que for necessário, coloca Adriana.

— Eu não tenho experiência com criança, diz Roseane, mas gostaria de ajudar, caso você venha a necessitar.

— Eu conto com a ajuda de vocês, coloca Helena, e certamente recorrerei nos momentos de necessidade.

As amigas ainda conversam sobre os mais variados temas, jantam, cantam a música “Parabéns para você”, Hilda apaga as velas, comem o bolo. Aos poucos se retiram, após desejarem votos de muitas felicidades para a aniversariante. Está encerrado mais um encontro do grupo de amigas.

13 – O Pedido de Antônia

No domingo pela manhã vamos encontrar Helena em plena atividade no trabalho de ajuda às crianças. Como sempre acontece, Antônia permanece a seu lado, observa cada movimento dela. Antônia conversa, faz perguntas que são respondidas pacientemente por Helena. Isso causa certo ciúme nas outras crianças, ao perceberem a amizade entre as duas, fato também observado atentamente por Tânia, com a finalidade de conversar posteriormente com elas. O trabalho de ajudar a organizar as tarefas administrativas daquela obra de caridade tem feito um grande bem a Helena. Ela continua abrindo seu coração, permite que as pessoas se aproximem afetivamente dela, dá e recebe carinho, modificou sua maneira de sentir e de agir.

Helena almoça mais uma vez com as crianças, um novo aprendizado para ela nos últimos meses. Comer aquela comida simples, mas saborosa e nutritiva; participar da oração realizada antes das refeições, agradecendo o alimento recebido; tudo leva Helena a muitas reflexões sobre a vida. Ela lembra de refeições sofisticadas que já fez, recorda os restaurantes que frequentou em várias cidades do mundo, tão diferentes daquele lugar rude e simples, mas acolhedor e repleto de calor humano. Após o almoço ela descansa em uma sala, quando Antônia se aproxima e indaga:

— Posso perguntar uma coisa?

— Claro, pode perguntar à vontade. Afinal de contas, nós duas somos amigas e as amigas não têm cerimônia uma com a outra.

— Eu fiz meu pedido para o Natal, mas tou com vergonha de contar.

— Não diga “tou”. O correto é estou.

— Estou com vergonha, repete Antônia, um pouco acanhada, sem expor o que quer dizer.

— Você não precisa contar se não quiser. Quando você se sentir bem confortável, sem medo ou vergonha, você me contará.

— Eu quero contar, mas não consigo.

— Você quer me falar algo, mas não consegue. Tudo bem. Não tem problema. Nós duas somos amigas e podemos contar nossos segredinhos uma para a outra, sem preocupações.

— É o meu pedido para o Natal.

— Neste caso, não consigo ver qual o problema. Você já escreveu e entregou para Tânia; pode me contar, se quiser.

— Vou dizer logo, fala num rompante, pedi para você ser minha mãe.

Aquelas palavras caem sobre Helena como um raio fulminante. Ela não consegue falar; apenas abraça Antônia, aconchega-a junto do coração. As lágrimas rolam pelo rosto e caem sobre os cabelos de Antônia; uma forte emoção domina todo o seu ser, como jamais ela sentira antes. As duas ficam assim abraçadas até Helena se refazer, enxugar as lágrimas e soltar Antônia. Ao ver o semblante de Helena um pouco alterado, Antônia pergunta a ela:

— Está com raiva porque eu pedi a Papai Noel para você ser minha mãe?

— Não, não é isto. Eu estou emocionada com o seu pedido. Eu estou contente e feliz com isto. Eu quero adotá-la como minha filha e espero ser uma boa mãe para você.

— Eu tou... Eu estou tão feliz, corrige imediatamente Antônia. Gosto tanto de você. Quero ser sua filha. Eu não vou dar trabalho. Eu me comporto bem. Pode perguntar para tia Tânia.

— Eu confio em você. Não preciso perguntar para outra pessoa.

As duas conversam como se fossem mãe e filha, em um relacionamento suave e doce. Algum tempo depois, Helena se despede de Antônia, das outras crianças e dos trabalhadores voluntários daquela obra de assistência à infância. Quando se despede de Tânia, ela lhe diz que passará no seu apartamento na segunda-feira à noite, a fim de conversarem. Isso causa certa curiosidade em Helena, mas Tânia não quis adiantar o motivo da visita. Helena toma o caminho de volta para o seu apartamento e durante o trajeto vai rememorando as fortes emoções vividas naquela tarde. Não se recorda de ter chorado até aquele dia, das lágrimas terem caído sem que pudesse detê-las, de ter sido tomada tão fortemente pela emoção, de ter falado a uma criança como

se falasse a sua filha. Como era estranho tudo aquilo para ela. Qual a razão de desejar adotar Antônia, quando o natural seria o desejo de ter um filho gerado por ela? Chega à conclusão de que embora possa ter seus próprios filhos, não desistiria de adotar Antônia. Sente uma grande afeição por aquela criança.

Helena chega a seu apartamento, enche a banheira de água quente, toma um banho e vai descansar. Está exausta em virtude das fortes emoções vivenciadas naquela tarde. O telefone toca, mas ela não atende. Quer ficar sozinha, repousar o restante do dia, preparar-se para mais uma semana de trabalho. Lembra de ter acertado com Pedro para saírem, mas está sem condições de manter um relacionamento. Está mexida por dentro, sente emoções fortes. A imagem de Antônia vem a todo momento a sua mente; o modo simples e carinhoso daquela criança toca profundamente seu ser. Vencida pelo cansaço provocado pelas emoções, ela adormece. Já passa das vinte e duas horas quando acorda, levanta, telefona para Pedro, mas não o encontra em casa. Em seguida, vai organizar sua agenda de trabalho para o dia seguinte.

Na noite de segunda-feira vamos encontrar Tânia no apartamento de Helena. As duas conversam sobre o Natal das crianças. Em determinado momento, Helena indaga:

— As suas tarefas de assistência às crianças não permitem a você se ausentar de suas atividades. Portanto, eu deduzo existir um bom motivo para estar aqui hoje, depois de ter recusado tantas vezes os meus convites.

— Tem toda razão. Eu tenho observado você e a Antônia, vejo que estão cada vez mais ligadas uma à outra. Ontem à tarde, quando eu fui procurá-la para conversarmos sobre o Natal das crianças, as duas estavam abraçadas e não quis interrompê-las. Depois que você saiu, Antônia me contou que você vai ser a mãe dela.

— Como eu já tinha falado a você anteriormente, vou adotá-la. Isto será uma mudança muito grande para ela e para mim, mas esta transição será realizada paulatinamente, como você recomendou, dando a ela tempo para se habituar à nova situação. Ela é uma criança muito amadurecida, não terá problemas de adaptação. Os valores mo-

rais são muito fortes nela. Vocês fizeram um bom trabalho. E espero continuar a dar a ela uma educação baseada em valores morais. Desejo torná-la uma criatura feliz e capaz de transformar em realidade os seus próprios sonhos.

— Esta é a minha maior preocupação: a transição entre a situação em que ela vive hoje e a que viverá com você, aqui neste apartamento.

— Eu entendo a sua preocupação, mas tenho certeza de uma coisa: Antônia não terá problemas de adaptação.

— Acredito que não, pois ela é muito inteligente e desde pequena sempre agiu com muito equilíbrio, valorizou o lado espiritual mais do que o lado material. Mas, caso venha a morar com você, ela viverá uma situação em que poderá se deslumbrar com o lado material da vida e esquecer ou valorizar pouco o espiritual. Esta é uma preocupação que devemos ter.

— Mesmo quando ela estiver morando aqui, não deixarei de levá-la comigo nos dias de domingo. Ela não perderá de vista as suas origens e terá sempre em mente o dever de ajudar o próximo.

— Vocês duas estão ligadas há muito tempo, já viveram muitas existências em que as suas vidas se cruzaram; você sempre voltada para o lado material da vida, Antônia sempre ligada ao espiritual. Agora as duas viverão juntas, aprenderão uma com a outra. Você olhará mais o lado espiritual da vida terrena, Antônia aprenderá a dar valor ao lado material. Será um aprendizado muito rico para as duas. A cada dia eu fico mais encantada com a sabedoria divina, que nos dá exatamente o necessário para a nossa evolução.

Satisfeita com o resultado de sua visita, Tânia ainda se demora discutindo os detalhes acerca da festividade natalina. Regressa a seu apartamento feliz por saber que mais uma criança será encaminhada a um lar em que receberá educação e amor, aumentando suas chances de ser feliz na vida.

14 – O Desprendimento de Antônia

No final de semana vamos encontrar Antônia e Helena passeando pelo comércio, no centro da cidade. O objetivo de Helena é mostrar a Antônia uma realidade pouco conhecida por ela. O dia amanheceu frio e, com a finalidade de agasalhar Antônia, Helena comprou para ela um casaco. Ela vestiu muito feliz seu primeiro casaco novo. Jamais pensara em ter uma roupa dessas. Elas caminham, olham as vitrines das lojas, quando são abordadas por uma menina aparentando ter a mesma idade de Antônia, vestindo uma camisa muito fina e rasgada, treme de frio, pede uma ajuda. Antes de Helena dizer ou fazer qualquer coisa, Antônia tira o casaco e a agasalha. Isso surpreendeu tanto a criança quanto Helena. Após a surpresa inicial, Helena conversa com a criança e obtém algumas informações. O nome dela é Maria e está com fome; não se alimenta desde a tarde de ontem. Helena compra um almoço para ela em uma lanchonete e propõe conduzi-la a um abrigo de menores, mas ela não aceita. Ao se despedirem, Maria quer tirar o casaco para devolver, mas Antônia não deixa. Elas se despedem sob o olhar de surpresa de Helena, que respeita a decisão de Antônia e continua a passear com ela pelo centro da cidade, sem lhe comprar outro casaco. Já no carro, no caminho de volta para o orfanato, Helena indaga:

— Você não gostou do casaco comprado hoje pela manhã?

— Gostei muito, foi a coisa mais linda que eu já tive.

— Por que razão você deu o casaco para Maria?

— Ela tremia de frio, a blusa dela estava rasgada. Ela ficou muito contente com o presente.

— Mas você deu um presente recebido de outra pessoa. Nós não devemos fazer isso. Se você tivesse me pedido, eu compraria um casaco para ela.

— Você está zangada comigo? Eu não posso dar as coisas que eu tenho?

— Nós podemos dar as coisas de nossa propriedade, mas quando recebemos um presente de uma pessoa é falta de educação dar este presente para outra pessoa. Quando fazemos isto dizemos sem palavras: não gostei do presente.

— O casaco foi a coisa mais linda que já recebi, mas Maria estava com muito frio. Você viu como ela tremia?

— Vamos fazer um acordo: da próxima vez, você me consulta.

— Está bem... Você ficou zangada comigo?

— Não, minha filha.

Ao escutar ser chamada de filha, Antônia, que está no banco de trás do automóvel, sente-se muito emocionada. Lágrimas silenciosas correm por seu rosto, sem serem percebidas por Helena, dirigindo em ruas muito movimentadas. Antônia enxuga as lágrimas; uma grande emoção toma conta dela. Sempre desejou ser chamada de filha, mesmo sabendo que quem o faria não seria sua mãe biológica. Ao chegar ao orfanato, Antônia dá um grande abraço em Helena, beija seu rosto e corre para junto das outras crianças. Helena fala com a pessoa encarregada de tomar conta das crianças e retorna a seu apartamento. Ela não consegue trabalhar, está sem condições de concentrar-se.

O desprendimento de Antônia dando o casaco a uma garota desconhecida mexeu muito com Helena. Muitas vezes essas lições vivas da vida são as mais marcantes. Não são especificamente endereçadas a nós, mas parecem apontar um dedo invisível para nossas necessidades de aprendizado. Na realidade, é nossa consciência realizando seu trabalho silencioso de mostrar as coisas a serem melhoradas dentro de nós.

O telefone toca, tira-a de suas reflexões. Era uma de suas amigas convidando-a para um encontro do grupo. Por não estar se sentindo bem, pede desculpas por não poder comparecer. O telefone toca novamente. Quando ela atende, a pessoa do outro lado da linha fala:

— Boa noite. Gostaria de falar com Helena. Aqui quem fala é o Pedro.

— Como vai Pedro?

— Tudo bem. Eu estou telefonando para convidá-la para jantar comigo hoje.

— Hoje o dia está complicado para mim. Não estou em condições de sair ou fazer qualquer outra coisa. Preciso ficar sozinha, organizar minha cabeça. Além disso, preciso analisar alguns relatórios de desempenho da empresa. Vamos fazer uma coisa: quando eu estiver melhor eu telefono para você.

Após se despedir de Pedro, ela tenta trabalhar. Lentamente ela se concentra no que faz. Já passam das vinte e três horas quando encerra suas atividades de leitura dos relatórios da empresa, liga a televisão a cabo e assiste as últimas notícias do dia. Após o noticiário, ela vai dormir. O relógio marca os primeiros minutos do domingo.

Helena acorda bem-disposta na manhã de domingo, um estado de espírito bem diferente daquele da noite anterior. Come algumas frutas e vai para o orfanato. Recebida com grande alegria pelas crianças, ela é a fada-madrinha cuja varinha mágica torna realidade os sonhos de um Natal feliz para a garotada.

Helena tem lido os livros recomendados por Tânia, e isso tem ampliado cada vez mais seu entendimento dos ensinamentos de alguns filósofos. Ela hoje já compreende bem melhor o objetivo da vida, é capaz de encontrar respostas para algumas perguntas antes incompreensíveis para ela. Começa a ver a sabedoria divina nos atos mais simples da vida. Uma paz interior tomou conta dela. Já consegue dedicar uma boa parcela de seu tempo a atividades não-profissionais. Ela está cada dia mais tranquila, em paz consigo mesma, uma mulher bem equilibrada e serena, pronta para um relacionamento que fecunde seu corpo e sua alma.

15 – Relacionamento com Pedro

Na sexta-feira Helena acorda desejando ter um relacionamento sexual, todo o seu corpo a arder no desejo de se entrelaçar com um homem em um bailado de amor. A imagem de Pedro lhe vem à memória, sem que ela consiga explicar para si mesma a razão de pensar nele. Depois de refletir um pouco sobre os homens livres para sair com ela, chega à conclusão de ser Pedro sua melhor opção. Logo no início da manhã ela telefona para ele e marca um jantar em um restaurante em que sabe não existir a possibilidade remota de encontrar alguma de suas amigas. Ela conclui suas atividades mais cedo, despede sua secretária e retorna a seu apartamento. Toma um banho, troca de roupa e vai se encontrar com Pedro.

Quando Helena chega ao local combinado, Pedro já a aguarda, tomando uma cerveja, demonstrando sinais de inquietação, tal qual um adolescente em seu primeiro encontro amoroso. Mulher experiente, treinada e habituada a comandar, ela compreende a insegurança de Pedro e passa a agir de modo a fazê-lo se sentir seguro e confortável, como se ele fosse o senhor absoluto da situação. Aos poucos a conversa torna-se afetiva, Helena coloca um molho picante, atíça os desejos sexuais dos dois. Logo após o jantar eles seguem para o apartamento de Pedro, onde matam a sede de seus corpos. Helena vai para seu apartamento nos primeiros minutos do sábado, apesar dos convites insistentes de Pedro para ela dormir com ele.

Ao chegar a seu apartamento, Helena vai direto para a cama, mas não consegue dormir. Fica a meditar sobre a relação sexual com Pedro, como ele lhe sacia a sede de sexo, apesar das restrições que ela faz a seu modo de ser. Estaria ela querendo encontrar naquele homem um tipo ideal inexistente na realidade humana, pergunta a si mesma. Não seria todo ser humano dotado de qualidades e portador de defeitos? Estaria ela olhando apenas os pontos negativos de Pedro? Por que razão não tinha olhado os pontos positivos dele? Estaria pensando ainda em um príncipe encantado, modelo de perfeição física e

intelectual, encontrado apenas nos contos infantis? O relógio no criado-mudo marca duas horas do dia de sábado com um suave som musical, que faz Helena deixar de lado seus pensamentos e dormir.

Ela acorda tarde, solicita de Rosália, responsável pelas tarefas domésticas, um desjejum leve: somente frutas e um suco de laranja. Come rapidamente e vai trabalhar no escritório de seu apartamento, onde estuda os planos da empresa para aumento das exportações, fruto de sua última viagem ao exterior. Helena trabalha duro durante todo o dia de sábado, obstinada na ideia de obter um resultado expressivo nos lucros da empresa. Não busca apenas que a empresa seja a mais lucrativa do grupo, nem alavancar seu sucesso profissional ou aumentar seu patrimônio, mas propiciar a todos os colaboradores um padrão de vida melhor. Caráter apaixonado, ela se dedica com todas as suas forças às coisas que faz; esquece até de si mesma, não sente o tempo passar. Com a finalidade de não perder tempo, considerado por ela um bem inelástico, almoça em casa, descansa um pouco e retorna ao trabalho. Com entusiasmo desenvolve um conjunto de atividades que deverão ser transformadas em um plano de ação pelo diretor de marketing, objetivando alavancar as vendas da empresa nos mercados interno e externo. Ela está mergulhada nessa atividade quando o telefone toca. Ela olha no identificador de chamadas o número que está ligando: é o telefone de Pedro. Helena hesita por um momento, mas resolve atender:

— Boa tarde, Pedro.

— Oi, Helena. Tudo bem?

— Eu me sinto ótima. E você, como passou o dia?

— Tudo bem. Eu estou lhe telefonando... Você gostaria de jantar comigo hoje?

— A que horas você costuma jantar?

— Não tenho horário fixo nos finais de semana.

— Nos dias de sábado eu não gosto de jantar aqui na orla marítima. Os restaurantes ficam lotados. Isso afeta a qualidade dos serviços e da comida.

Ela lhe dá o endereço de um restaurante e pergunta se ele conhece o local.

— Conheço sim. A comida é ótima e o serviço é muito bom.

— Estarei lá por volta das vinte e uma horas.

— Você... Eu posso apanhar você em casa?

— Tudo bem. Eu aguardarei você aqui. Ao chegar, estacione na entrada do prédio e peça ao porteiro para me chamar, pois nos dias de sábado é difícil encontrar vaga. Anote o meu endereço.

Após a despedida, Helena fica a pensar sobre seu relacionamento com Pedro, que aos poucos vai ganhando os contornos de um envolvimento emocional. Justamente ele, uma pessoa em que ela não cogitara como um companheiro para desfrutar a vida com ela, para ser sua cara metade. Uma criança tinha surgido em sua vida; agora um homem se apresenta querendo compartilhar com ela a existência. Inúmeras mudanças aconteceram nos últimos meses, uma verdadeira revolução no âmago de seu ser. Espírito forte e decidido, ela enfrenta as mudanças com galhardia, sempre pronta para aproveitar ao máximo as oportunidades propiciadas pela vida, ela resolve estreitar os laços com Pedro. Quando o relógio marca vinte horas, ela para suas atividades e se apronta para sair com ele. Helena se veste de maneira simples, mas muito elegante, maquiagem discreta e usa poucas joias, forma um conjunto harmonioso.

Poucos minutos antes das vinte e uma horas, o porteiro avisa que Pedro a aguarda. Quando ela aparece na entrada do prédio, Pedro a contempla com admiração e pensa consigo mesmo: “É muita areia para o meu caminhão”. A região em que ela mora, o prédio luxuoso de frente para o mar, um apartamento por andar, tudo está muito acima do padrão de vida dele. Mulher experiente, ela percebe a perturbação de Pedro, cujos atos são transparentes para ela. Helena acomoda-se no carro de Pedro e os dois partem para o local combinado no telefonema da tarde. Ao chegarem ao restaurante, Pedro pede uma cerveja, Helena pede um vinho branco e uma água mineral. Eles dispensam a entrada, fazem o pedido e Pedro, acicatado pela curiosidade, pergunta:

— Você mora há muito tempo naquele prédio?

— Eu comprei o apartamento ainda na planta. Um amigo meu é o dono da construtora e sabia o que eu procurava, e me permitiu contratar um arquiteto para fazer o apartamento do meu jeito.

— Em que andar fica o seu apartamento?

— No último andar. A vista da praia é linda, as noites de lua cheia são um espetáculo encantador.

— É o apartamento de cobertura?

— É sim, Pedro. Percebo que ficou desconfortável ao ver o local onde moro. Posso saber a razão de meu apartamento provocar incômodo em você?

— Não me sinto incomodado pelo fato de você morar em um apartamento de cobertura, de frente para o mar.

— Caso eu morasse em uma casa modesta, em um bairro na periferia, como você se sentiria agora? Provavelmente com ares de protetor, devido ao fato de ter uma posição econômica superior à minha. Você pode não ter consciência disso, mas vocês homens pensam assim, com raras exceções, é claro. O fato de morar naquele apartamento não me torna uma criatura mais humana, melhor ou pior do que eu sou. Um ser humano deve ser julgado pela sua essência, não pelas suas posses materiais.

— Você está me julgando. Em que se baseia para fazer tal julgamento a meu respeito?

— Comparando o seu comportamento quando eu fui ao seu apartamento e como age agora, depois de ver o local onde eu moro. Você ficou chateado por não poder assumir a posição de provedor de minhas necessidades. Todavia, se as nossas posições financeiras fossem o inverso, você acharia um fato normal. Apenas me responda a uma pergunta: existe igualdade de direitos e obrigações entre as mulheres e os homens?

— Claro que sim.

— Neste caso, a mulher pode ser a provedora das necessidades do lar.

— Esta não é a situação predominante na nossa sociedade, que espera do homem a responsabilidade pelo sustento do lar.

— Pare e pense um pouco, analise as suas declarações e veja como o seu raciocínio é machista, embora você não queira admitir este fato. Acorda, Pedro. Estamos vivendo no século XXI, o relacionamento entre um casal está fundamentado em outros alicerces. A época do

homem provedor de todas as necessidades financeiras de um lar já passou.

— Você é feminista?

— Não, apenas uma mulher que lutou muito para ter sucesso no mundo empresarial, dominado pelos homens. Foi muito bom nós termos conversado sobre isso. Permitiu nos conhecermos um pouco mais.

Eles ainda continuaram a conversar durante todo o jantar, mas as colocações de Pedro criam barreiras, impede-os de terem um relacionamento mais íntimo. Após o jantar, Helena alegou necessidade de continuar a trabalhar e pediu para Pedro deixá-la em casa. A razão pela qual ela encerrou o encontro foi ter avaliado o comportamento de Pedro e achar que deveria refletir melhor sobre a relação deles, saber se valeria investir tempo e esforço nesse relacionamento.

16 – A Realização do Pedido

No domingo pela manhã encontramos novamente Helena e Antônia passeando de automóvel, desta vez pela beira-mar. Em determinado trecho da avenida, bem perto do edifício em que mora, Helena estaciona o carro em uma vaga, muito difícil de encontrar naquela hora da manhã. Elas descem do carro, Helena compra um sorvete para Antônia, elas se sentam em um banco no calçadão, bem em frente ao edifício de Helena, ficam a observar o movimento das pessoas e a conversar. É um mundo novo para Antônia. Ela observa com atenção as crianças, algumas a correr e outras a brincar com uma bola. As ondas arrebatam na areia da praia, cobrindo-as de espuma branca, um espetáculo da natureza a encantar os olhos de Antônia. Enquanto ela toma o sorvete, Helena mostra o edifício e diz:

— A tia Tânia conversou com você sobre o local que eu moro?

— Conversou sim, ela me disse que conheceu seu apartamento.

— Eu moro ali. Reformei um quarto para você. Na próxima semana sairei com você e a decoradora, a fim de escolhermos os móveis.

— O que é decoradora?

— Uma pessoa que lhe ajuda a arrumar sua casa de modo a ficar bonita e você se sentir bem dentro dela.

— Você não sabe fazer isso?

— Eu sei o que quero no meu apartamento, mas ela me ajuda a combinar os móveis, a escolher a cor das paredes e a comprar os móveis a serem colocados no quarto. Como é você que irá morar no quarto, a escolha é sua, com a ajuda da decoradora.

— Você não vai me ajudar?

— Claro. Eu estarei o tempo todo ao seu lado, dando minha opinião, mas você escolherá os móveis. Eu estarei junto de você, ajudando quando você pedir.

— Eu posso conhecer o seu apartamento agora?

— Claro que pode. Para isto nós estamos aqui: para você conhecer o nosso apartamento, pois será também o seu lar. Dentro de pouco tempo você morará aqui.

As duas se encaminham para o prédio, Antônia observa atentamente cada detalhe, admirada com a suntuosidade do lugar. Ao se aproximarem da entrada, o porteiro abre a porta e cumprimenta Helena e Antônia. Elas entram no elevador, Helena aperta o botão correspondente a seu andar, as portas do elevador se fecham sob o olhar atento de Antônia. Quando o elevador começa a subir, Antônia abraça as pernas de Helena, que lhe acaricia a cabeça, tranquilizando-a. Quando elas entram no apartamento, Antônia fica abismada com o luxo, tão diferente da pobreza do orfanato. Ela se admira com o tamanho de seu quarto, com um banheiro dentro do quarto! É tudo muito diferente do orfanato, parece um conto de fadas, um luxo conhecido por Antônia apenas nas revistas velhas que ela folheia. Ela se encanta com a vista da praia, as ondas do mar a cobrirem de espuma branca a areia, as pessoas a tomarem banho, os campos de vôlei e de futebol, o calçadão repleto de gente. Ela para, fecha os olhos e fica em silêncio por mais de um minuto, sob o olhar atento de Helena, que lhe sorri e indaga, quando ela abre os olhos:

— Por que você fechou os olhos e ficou calada durante tanto tempo?

— Eu rezei, agradei a Deus a mãe que Ele me deu e o lugar bonito que Ele me deu para morar. Ele atendeu minhas preces e me deu mais do que eu pedi.

— Qual foi o seu pedido?

— Uma mãe que gostasse muito de mim e brincasse comigo.

— E o que Ele lhe deu sem você pedir?

— Um lugar muito bonito para morar. Eu posso trazer minhas amigas do orfanato aqui?

— Claro, mas poucas pessoas e quando eu estiver em casa. Antes de convidar suas amigas para virem até a nossa casa, é preciso conversar com tia Tânia, a fim de sabermos se é conveniente para as outras crianças lhe visitarem aqui. As diferenças entre o orfanato e es-

te apartamento são muito grandes. Poderão não fazer bem para algumas crianças.

Quando elas entram na cozinha, Rosália está de saída para visitar seus parentes. Helena apresenta Antônia e diz ser ela a pessoa que virá morar com elas dentro de pouco tempo. A simplicidade de Antônia cativa Rosália. Ela esperava uma criança bem diferente. As duas se despedem de Rosália, tomam o elevador, e Antônia, bem mais à vontade, pede para apertar o botão do andar térreo. Tudo aquilo era um mundo encantado para ela, uma história de conto de fadas, na qual sua fada-madrinha tinha transformado sua vida com o toque de uma varinha mágica. As duas almoçam frutos do mar em um restaurante simples, ocasião aproveitada por Helena, mais uma vez, para ensinar Antônia a usar o garfo e a faca. Após o almoço elas vão ao cinema, depois fazem um lanche e Helena deixa Antônia no orfanato.

17 – Conversa de Aniversário

A semana de trabalho de Helena transcorreu sem novidade dignas de registro. Ela esteve ocupada, sem tempo para sair com Pedro. Nesse sábado ela está comprando um presente para Daniela, gerente do departamento de pessoal da empresa. Na parte da tarde Helena recebe um telefonema de Pedro e o convida para acompanhá-la à festa de aniversário, mas ele alega não conhecer a aniversariante e prefere marcar um jantar no domingo.

No início da noite Helena dirige-se à casa de Daniela, onde encontra suas amigas Hilda, Lúcia, Roberta e Roseane. Depois de Helena ser apresentada às pessoas presentes, ela se senta junto das quatro amigas e escuta a conversa do grupo. Naquele momento as pessoas discutem o relacionamento de casais, enfocam o problema de como se comportam o homem e a mulher em um relacionamento. Apontam agora as diferenças de remuneração, a maneira como agem os casais em relação às despesas de manutenção do lar. O assunto chama a atenção de Helena por ser exatamente a dificuldade enfrentada com Pedro. Ela passa a escutar com atenção o diálogo que se desenrola. Nesse momento, Regina, uma das amigas de Daniela, fala:

— A maioria das mulheres acha muito natural que o homem sustente a casa, mas eu não gosto desta relação de dependência. Acho que os dois devem trabalhar e manter o lar. Quando o homem banca tudo sozinho, a mulher passa a se comportar como se ele tivesse obrigação de sustentá-la e ele age como se fosse o patrão.

— E quando é a mulher quem banca a totalidade das despesas, qual é a sua opinião, pergunta Helena, que deseja ouvir opiniões acerca do assunto.

— A mulher, nestes casos, é dona da situação, responde Regina, porém é possível que ela já não enxergue o homem como um parceiro e sim como “fardo” a carregar. Acho que o melhor é ambos dividirem as responsabilidades, dentro de suas possibilidades. Assim cada um vai dar o que pode, mas os dois participam.

— Gostaria de dar agora a minha opinião, solicita Neide. Sobre a minha experiência pessoal, posso dizer que já vivi dois tipos de sentimento, ainda que o meu marido sempre tenha sido o esteio. Antes da nossa separação, sentia-me sempre oprimida. Hoje, depois do reatamento de nossa relação, sinto que nossas decisões em relação ao dinheiro são tomadas em conjunto, quando me interessa, mas a maior parte das vezes relaxo totalmente no que diz respeito à gerência financeira da nossa parceria, porque confio na sua honestidade e competência. Além disso, até um certo limite eu gasto sem pedir consentimento; além deste limite, peço sua opinião e compartilho do meu interesse ou da necessidade de gastar do jeito que imagino. Na minha experiência em encontro de casais, tenho visto de tudo. Há homens que ganham muito dinheiro e que deixam na mão da esposa para administrar, de tal forma que pedem a elas uma mesada. Há mulheres que ganham mais do que os maridos, mas anseiam pelo dia em que poderão ficar em casa, cuidando da dinâmica do lar e da família. O problema maior nos relacionamentos homem-mulher, quer sejam casados ou não, em minha opinião, não está no sexo nem no dinheiro; está na dificuldade de aceitar o diferente sem sentir-se ameaçado. Talvez seja um problema de autoafirmação que faz com que duas pessoas vivam competindo como se não pudessem ser complementares.

— Quando o homem ganha mais do que a mulher, intervém Hilda, amiga de Helena, este é o caso em que ambos se sentem mais à vontade. Apesar de toda a emancipação feminina, tanto o homem quanto a mulher continuam achando que o homem é o maior provedor da casa. Mesmo que a mulher seja independente financeiramente, ela adora ser “sustentada”. Quando a mulher banca as despesas, acho que ela aguenta se for uma situação provisória, pelo mesmo motivo que já citei. Se a situação perdurar, certamente o relacionamento vai ser abalado. A mulher adora que o homem pague a conta do restaurante, do cinema. Do motel então, ela não admite sequer rachar! Hoje, entre os mais jovens ainda é concebível, mas as que têm mais de 35 ou 40 anos não aceitam mesmo. Ou seja, continuamos em uma sociedade machista. Acredito que dentro de umas três décadas estejamos realmente livres destas raízes culturais.

— Eu gostaria de contar a minha experiência, propõe Rafaela. Durante os três primeiros anos de vida do meu filho, praticamente parei de trabalhar para me dedicar a ele. A renda de que dispunha era insignificante e toda a despesa da casa era bancada pelo meu marido. Não tive problema algum, foi uma decisão sábia, meu filho tem hoje 19 anos de idade e é um rapaz muito equilibrado, inteligente e seguro. Em outro momento, parei de trabalhar por quatro anos para me dedicar aos estudos, com o objetivo de prestar concurso público para fiscal de rendas. Nesse período, as despesas familiares foram bancadas integralmente pelo meu marido. Não foi fácil; me sentia uma incompetente em razão dos fracassos frequentes nos exames que prestava. Meu marido também não estava muito confortável na situação e, apesar de me estimular a prosseguir nos estudos, deixava claro o quanto estava sendo difícil para ele arcar com todos os custos. Nossa relação ficou um pouco abalada, eu me sentia muito mal. No entanto, acho que valeu a pena, pois consegui alcançar o meu objetivo e estou tendo uma carreira de muito sucesso. O patrimônio do meu marido sempre foi muito maior do que o meu, mas em alguns momentos tive que bancar integralmente as despesas da casa. Em algumas ocasiões, por exemplo, para reter o estoque de café com o objetivo de conseguir um preço melhor, fiquei custeando todas as nossas despesas. Não houve problema nenhum, pois sabia que estávamos em uma parceria para beneficiar nossa família. Depois de passar no concurso para fiscal de rendas, fiz questão de custear toda a despesa da casa durante quatro anos, período igual ao que ele tinha arcado anteriormente. Acho que isso me fez bem e deu a ele a chance de fazer opções que não teria feito sem essa oportunidade.

— Não sei se posso dar a minha contribuição no que está sendo discutido, pois “ainda” não tive um relacionamento desse tipo, intervim graciosamente Marilda, mas se o homem que for viver comigo bancar as despesas, acho que eu me sentiria mais segura, por saber que as despesas não dependeriam totalmente do meu dinheiro. Caso as despesas viessem a depender de mim, talvez ficasse um pouco constrangida, por saber que o meu parceiro com certeza se constrangiria.

— Em primeiro lugar, preciso dizer que, infelizmente, em minha vida adulta de trabalhadora jamais tive um relacionamento sério com um homem que ganhasse mais do que eu, fala Marlene, amiga de Helena. Acredito que a maior parte das mulheres pensa do mesmo modo como a sociedade ocidental moderna pensa: nada mais “natural” que o homem ser o provedor do lar, da família etc. Mais de uma vez me peguei pensando como seria bom ter um companheiro assim, que realmente fizesse frente às despesas da casa e, ainda por cima, me surpreendesse com mimos, pequenas viagens, essas “frescurinhas” boas. Nas minhas leituras sobre a natureza humana e os relacionamentos, além das terapias que já fiz, aprendi que um casamento ou um relacionamento amoroso estão sujeitos às estruturas de poder, como qualquer outra interação humana. Mas o mais delicado é que ficam guardados na mesma gavetinha o sexo, o poder “per se” e o poder do dinheiro. Logo, para uma relação ser um pouco mais equilibrada, o melhor é que o elemento do casal que tenha a liderança no sentido sexual não a tenha no sentido das decisões sobre a vida e a rotina do lar e da família (o poder “per se”), ou não seja o que ganhe mais. Bom, eu senti isso na pele no meu casamento. Era eu a que decidia tudo, eu a que tomava as iniciativas em termos de sexo, e eu que ganhava mais. Virei mãe do meu marido. Quanto ao dinheiro, não vejo e nunca vi problema nenhum em ganhar mais que o companheiro. Sempre pratiquei o “quem tem mais, dá mais” e, no dia a dia, se considerarmos só isso, até que dava bem certo. Um dos problemas que podem acontecer é quando você sabe que o companheiro poderia estar batalhando mais, para ganhar mais. Daí fica você se esfalfando toda para manter um nível de vida que ele também gosta, pagar as contas, viajar... E o homem esperando o trabalho cair no colo. Isso é muito chato! Outro problema é com o companheiro: se ele se sente inferiorizado por você ganhar mais, uma série de reflexos pode ocorrer na relação. Aí vai depender do grau de maturidade e da índole dele. Se for um cara imaturo e mesquinho, pode começar a punir a companheira com crueldades mil, desde pequenas picuinhas até grandes traições. Na cabeça confusa de um homem desses, funciona assim: ela pensa que me domina porque tem o dinheiro, mas eu vou mostrar para ela que não dependo dela para nada. Olha aqui como eu te traio e você nem sabe. Olha aqui como

eu ponho defeito em tudo que você faz. Olha aqui como eu sou grosso com você e não ligo se é você que me sustenta. Tipo isso, sabe? Já vi isso também, com um namorado. Foi a pior coisa que já rolou na minha vida sentimental. Um vampiro! Abrindo o coração e resumindo a ópera: se o resto da relação for legal, se o homem for bacana, se o sexo rolar harmonioso, pouco importa quem ganha mais. Agora, eu, que sou independente, mas não sou boba, não acharia nada mal ter tudo isso e ainda ter um companheiro que ganhasse tanto ou mais do que eu. Seria tudo de bom!

— As diferenças só ocorrem, acrescenta Teresa, quando não há companheirismo. Portanto, a mola mestra não é o dinheiro do homem ou da mulher, mas o amor que existe entre eles, o relacionamento, a amizade, a cumplicidade. Não existe o meu ou o teu, e sim o nosso. A separação se dá porque o amor diminui a cada momento. Em vez da preocupação com a relação afetiva, os parceiros iniciam uma competição interna. Então não há amor que resista. As diferenças só ocorrem quando não há companheirismo.

— Nossa educação, intervém Maria, fruto de uma cultura que determina que o “homem deve prover”, faz com que a mulher se sinta bastante confortável quando o homem é quem cobre a maioria das despesas da casa e da família, até porque esse fator muitas vezes determina o tipo de atividade que elas gostariam de exercer, independentemente de ser mais ou menos lucrativa. Acredito que a maioria das mulheres ainda se sinta bastante confortável quando o homem é o maior provedor da família, até mesmo pelo relacionamento do casal, que é mais bem administrado nessa situação. A mulher busca sua independência financeira, e geralmente quando isso acontece e ela se sobrepõe ao homem dentro de casa há uma grande possibilidade de conflitos, pois quase sempre o homem se sente subestimado pela mulher e esta, por sua vez, acaba por dominar a relação e conduzir as principais decisões da família. Existem situações em que a mulher, por exemplo, ao pagar a conta do restaurante, se sente constrangida diante do homem e do garçom, passando o dinheiro para o homem por debaixo da mesa. Esse tipo de atitude ainda demonstra o desconforto,

tanto do homem quanto da mulher, em relação ao fato da mulher ser a principal provedora da família.

— Ainda não vivi essa experiência de ter um companheiro ou marido que ganhasse mais do que eu, coloca Sara. Entretanto, vivi durante uns anos somando as nossas receitas, e a minha era maior, numa conta conjunta. Isso foi há uns vinte anos, e no final das contas eu não podia gastar o “meu”, porque o talão de cheques ficava com ele. Para qualquer bobagem minha era preciso pedir. Até que um dia dei o grito de independência, começando pela restituição do imposto de renda em uma conta individual, e depois passando a receber meus vencimentos direto nessa conta. Nessa época, já ganhávamos o mesmo tanto, mas os gastos da casa, educação, lazer, empregada, telefone, vestuário, ficavam para mim. Ele fazia as despesas da chácara, que como todo pedaço pequeno de terra não dá lucro, só despesa e dor de cabeça com empregado, e pagava a prestação da casa. Ou seja, o seu prazer (chácara) estava garantido; para o dos filhos e o meu, não sobrava. No início do casamento o meu salário era maior que o dele. Ele ficava constrangido porque era um recém-formado em fase de experiência na estatal em que trabalhava, ainda devia o crédito educativo e comprometera-se em sustentar os estudos do irmão caçula em São Paulo, fora os problemas financeiros de seus pais. Nessa época eu tinha dois carros e um salário maior que o dele. Para mim não havia problema, pois sabia que seria questão de tempo até ele ter um salário melhor e não mais ficar constrangido diante dos amigos. Creio que para ele era desconfortável. Por vezes me dava uma certa culpa de querer gastar como quando solteira, e para não o humilhar fui deixando meu estado natural de gastar com prazer, para gastar com culpa, o estritamente necessário e ainda pedindo permissão. Moral da história: gastei muito dinheiro em terapia para recuperar o prazer de me presentear depois que ele morreu. E ele deve ter morrido feliz, porque gastava em coisas da chácara, morreu trabalhando nela, e ainda me pedia “emprestado” para pagar os seus potros. Seus prazeres sempre foram satisfeitos com seu dinheiro e com parte do meu, sem precisar de terapia.

— Apesar do meu salário não ser muito inferior, fala Júlia, sinto-me bastante confortável com ele ganhando mais, pois posso eventualmente gastar meu dinheiro com coisas frívolas, tais como moda e beleza ou até mesmo presentes. Quando a mulher ganha menos, o marido nem sempre está atento a estes gastos; há uma razoável desatenção ou condescendência da parte dele. Não gasto o dinheiro dele, mas gosto de dispor do meu salário sem muito controle da qualidade do meu gasto. Meu marido ganhou menos do que eu por aproximadamente seis anos. Não gostei muito. A responsabilidade que acreditei ser dele, repentinamente passou para mim. Eu passei a ter que pensar em guardar, investir, pagar as contas mais altas. Na hora de fazer um investimento mais arrojado (comprar um carro mais caro) eu era chamada a “entrar” com uma parcela. Aparentemente, quando a mulher ganha mais, o marido parece estar mais atento aos gastos dela.

— Em um relacionamento homem-mulher, manifesta-se Rosilda, para mim não importa quem é a parte mais forte financeiramente. Acredito que nos relacionamentos modernos não há espaço para estas preocupações. Normal quando o homem é a parte financeiramente mais forte, mas se a diferença de valores recebidos for muito grande, acho que ela pode se sentir muito dependente do marido e até sem suporte para opinar sobre certos assuntos. Quando a mulher é a parte mais forte, ela se sente mais responsável e mais pressionada no lado profissional, podendo até ficar sobrecarregada em suas atividades. Novamente ressalto que acredito que nos relacionamentos modernos isso não ocorra, pois tanto os homens quanto as mulheres têm responsabilidades iguais, independente de suas forças financeiras.

— Quando o homem paga a maioria das despesas me sinto muito frágil, insegura, desconfortável, revela Lúcia, amiga de Helena, porque sei que, mais dia, menos dia, virão cobranças. Estou me referindo a cobrança não em dinheiro, mas em mudanças comportamentais para que eu venha a me adequar aos padrões do outro. Caso a adequação não aconteça, pode-se chegar a situações drásticas de expulsão da vida do outro com a maior frieza, como foi o meu caso. Quando eu pago a maioria das contas, mesmo não sendo a situação ideal, que seria a de compartilhar tudo, ainda assim é a mais agradável,

pois é menos perigosa, menos desconfortável, inclusive porque não sou de cobrar pelo que já dei. Em alguns momentos da minha vida, quando casada com homens que tiveram quedas financeiras, fui eu quem os sustentou.

— Acho que tudo na vida é relativo, interfere Roseane, e depende muito do contexto que se vive em determinadas situações, assim como também acredito que depende muito de como a pessoa que está ao seu lado é. Acredito sinceramente que a vida é vivenciada em ciclos de altos e baixos. Acredito também que, geralmente, e sendo os dois capazes e com vontade de trabalhar, o mais certo na vida é que ora um estará melhor que o outro, ora isso se reverterá. Nesse sentido, os nossos sentimentos em relação às questões agora tratadas são bastante amenizados. Dependendo da diferença dos valores e dependendo também se você ganha muito ou pouco, o grande problema de ganhar mais é quando se usa isso como fator de força na relação. Para os amigos é natural que o homem mantenha a casa; isso não tem peso para mim, desde que a mulher ganhe o suficiente para comprar as suas coisas pessoais e para contribuir também. Não acho que é obrigação do homem manter a casa, não me sentiria confortável se não contribuísse com nada dentro de casa, mas essa sensação também dependeria dos motivos. Por exemplo, se fosse algo passageiro, isso não teria peso para mim, mas se o homem usasse isso para querer mandar na minha vida, isso seria fator de separação. Quando a mulher ganha mais do que o homem, o maior problema é não deixar que a mulher se sinta superior a ele, porque ele obviamente se sentirá frustrado e cobrado pelos amigos e familiares. Sem falar que as amigas também irão comentar nas tuas costas que você está sustentando homem. Aqui também entram outras variáveis. Por exemplo, se o homem é mais novo que você, daí todo mundo dirá que estás pagando para ter namorado, e por aí vai. Para mim, não me importaria de sustentar a casa desde que eu o admirasse, desde que ele desse o melhor dele na profissão que escolheu e tivesse sucesso nela, mesmo que isso não estivesse alinhado a dinheiro. Por exemplo, se ele fosse músico na noite e se fizesse isso da melhor maneira possível, eu o amaria muito, mas se ele fosse relaxado, provavelmente eu não ficaria ao lado dele.

O grupo silencia por um momento, como se estivesse a digerir a quantidade de informações geradas naquela conversa entre pessoas amigas. Ali predominava o sexo feminino e os poucos representantes do sexo masculino mantinham-se calados. Helena observa a existência de respeito pela opinião alheia: os pontos de vista divergentes não eram motivos de briga entre as pessoas. Cada participante procurava beber as colocações do outro, mesmo quando ela percebia, pela leitura corporal, que eles não concordavam com as colocações emitidas; sinal de maturidade. Uma discussão naquele instante da festa quebraria a descontração e alegria do grupo. Helena achou que as colocações de algumas mulheres continham um traço machista, mas resolveu não abordar esse problema. Ela ainda continuou na festa durante algum tempo; retira-se por volta das vinte e três horas.

18 – Epílogo

Antônia está agora com treze anos de idade. Ela se tornou uma adolescente simpática, além de inteligente e culta. Veste-se com simplicidade e elegância, prefere roupas próprias para sua idade, sem se subjugar à ditadura da moda. É uma das alunas brilhantes do colégio em que estuda, considerado o melhor da cidade. Ela gosta de ler. Há cinco anos está morando com Helena, que a adotou como filha. As duas mantêm um relacionamento de amor e respeito, apesar de terem entendimentos diferentes acerca de muitas coisas. Elas discutem suas divergências com maturidade, em conversas cordiais, nas quais cada uma aprende com a outra. Helena se pergunta como pode uma pessoa tão jovem ser tão madura, ter a capacidade de entender questões complexas da vida, o que também causa admiração entre suas amigas. Sobre algumas questões ela só começou a pensar, sem dar muita atenção, quando estava se preparando para o vestibular. Antônia já leu a obra dos principais pensadores da humanidade. É uma devoradora de livros, nos quais gasta quase toda a mesada recebida de Helena. Discute as ideias dos grandes filósofos com Helena e seu grupo de amigas como se fosse uma pessoa adulta, causa admiração por sua acuidade e por suas observações acerca dos mais variados assuntos. Antônia tem grande facilidade em aprender outros idiomas. Helena já a levou em algumas viagens ao exterior, nas quais Antônia passa a maior parte de seu tempo em visita a museus, galerias de arte e livrarias. Ela não esqueceu suas origens: quinzenalmente vai até o orfanato, onde ajuda Helena no trabalho de assistência aos necessitados. Antônia não gosta de conversar com jovens de sua idade, principalmente os representantes do sexo masculino, cuja conversa considera sem graça, infantil. Mantém um relacionamento mais estreito apenas com duas garotas, Betânia e Esmeralda. Nos períodos de provas escolares as duas dormem em seu apartamento, a fim de poderem estudar mais tempo.

Helena está feliz nos últimos anos. Depois de um relacionamento de três meses com Pedro, ele soube que ela iria adotar uma criança

criada em um orfanato desde os primeiros dias de vida. Foi contra a ideia, queria ter seus próprios filhos com Helena. A maneira como ele tratou o assunto foi a gota d'água que fez transbordar a insatisfação de Helena com ele. Ela hoje mantém um relacionamento com um executivo chamado Diogo, profissionalmente tão ocupado quanto ela. Cada um mora em seu apartamento, encontram-se quando suas agendas permitem, sem que isso cause quaisquer problemas entre eles.

Nesse domingo Diogo viajou a serviço, Helena está em seu apartamento lendo os jornais do dia e revistas da semana. Ela modificou muito sua maneira de trabalhar. Agora reserva tempo para ela e sua filha.

Antônia está em seu quarto, estuda com as duas amigas para as últimas provas do ano letivo. Por volta do meio-dia, Helena verifica o que as três querem comer e faz o pedido por telefone, pois não deseja sair de casa. Após o almoço, Helena descansa um pouco e vai ler um livro.

Já são mais de dezenove horas quando Antônia e suas amigas se aproximam de Helena. Quando ela para a leitura e levanta a cabeça, Betânia fala:

— Gostaríamos de lhe convidar para jantar fora.

— Gostaríamos de levá-la para uma casa de massas que foi aberta há pouco tempo. Fica perto daqui, mas teremos de ir de carro, diz Esmeralda.

— E o mais importante, minha querida mãe, é que vamos dar a você o prazer de pagar a conta, alerta Antônia.

— Posso saber, pergunta Helena, o destino dado às suas mesadas?

— Nós já gastamos as nossas mesadas na compra de livros e de material para realizarmos uma experiência no laboratório da escola, explica Antônia.

— Está bem. Eu pagarei o jantar, mas se qualquer uma das três tirar uma nota inferior a sete na prova de amanhã, eu desconto o valor do jantar na mesada de Antônia, ameaça Helena.

— Negócio fechado, gritam as três ao mesmo tempo.

Helena troca de roupa, elas entram no carro e vão para o local combinado. Após o jantar, Helena deixa Betânia e Esmeralda em suas residências e retorna a seu apartamento, onde fica no terraço com Antônio, olhando a lua nascer, elas conversam sobre a beleza natural do mundo e da vida humana. Já são mais de vinte e duas horas quando elas vão dormir, descansar para mais uma semana de atividades, pois a vida segue seu curso, o aprendizado é contínuo, caminhamos “para a frente e para o alto”.

F I M